

VOZES EM DEFESA DA F

CADERNO

53

**APRENDAMOS
dos
COMUNISTAS**



**EDITORA VOZES LIMITADA
PETRÓPOLIS, R.J.**

ÍNDICE

Introdução	3
Cap. I — <i>A luta contra a religião e a Igreja</i>	5
1. Que pensam os comunistas da religião e da Igreja	5
2. A tática comunista na luta contra a Igreja	5
3. Como empreendem, na prática, a luta contra a Igreja	6
Cap. II — <i>Problemas perante os quais é colocada a Igreja num regime comunista</i>	9
1. Que exige o regime da Igreja e do clero?	9
2. O problema capital da Igreja sob o regime comunista	10
3. Os problemas diante dos quais são postos os bispos	11
4. Os problemas diante dos quais são postos os padres	11
5. Os problemas diante dos quais são postos os religiosos e as religiosas	13
6. Os problemas dos que ensinam o catecismo	14
7. Os problemas dos fiéis	15
Cap. III — <i>A "Reeducação"</i>	15
1. A propaganda	16
2. A arte	17
3. A propaganda comunista na escola	18
4. A atividade fora da escola	18
5. Os cursos de reeducação	20
6. Resultados	21
7. A ditadura política	24
Cap. IV — <i>Como os comunistas quebraram a unidade do clero</i>	25
1. A infiltração comunista na administração eclesiástica	25
2. A desintegração do clero	28
3. A tática comunista a respeito dos religiosos	30
4. Consequências da desunião do clero	21
5. Que quer fazer o regime com a Igreja?	33
6. Os prognósticos	36
Cap. V — <i>Exame de consciência</i>	38
1. A situação	38
2. Nossa falha	38
1º Não estávamos preparados	38
2º Não estávamos suficientemente unidos	40

VOZES EM DEFESA DA FÉ

18,

CADERNO 53

A. MICHEL

Aprendamos dos Comunistas

EDITORA VOZES LIMITADA

PETRÓPOLIS, RJ

1962

IMPRIMI POTEST
21-9-1959
MONS. JOAO HOFFMANN
CENSOR AD HOC

NIHIL OBSTAT
9-8-1959
MARCELINO RAMOS — RS.
P. ALBERTO ALLAMAN, MS
SUP. PROV.

IMPRIMATUR
PASSO FUNDO, 22-9-1959
CLAUDIO — BISPO DIOCESANO

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

INTRODUÇÃO

O comunismo é, sem dúvida, o maior adversário que a Igreja enfrentou até hoje. O perigo comunista não é perigo puramente exterior como o foi, por exemplo, a invasão turca. E não é também puramente interior, como, por exemplo, o modernismo. O comunismo ameaça suprimir a Igreja por uma força brutal, porém organizada e, ao mesmo tempo, penetra sorrateiramente em nossas fileiras, ganhando simpatizantes e partidários, mesmo entre os cristãos.

Além disso, o comunismo difere dos outros adversários da Igreja pelo seguinte:

1º é mundial;

2º empreende a luta em nome da justiça social, em nome dos oprimidos, dos explorados, em nome de todos os insatisfeitos aos quais se apresenta como única via de salvação, derradeira esperança da humanidade;

3º muito bem organizado, sabe hábilmente explorar todos os meios que a psicologia e a técnica moderna colocam a sua disposição. Desenvolve programa fascinante, baseado numa ideologia sedutora;

4º não se contenta em ensinar apenas sua doutrina, mas desenvolve uma atividade cheia de energia, para pô-la em prática;

5º arrasta consigo um dos piores poderes mundiais e goza da simpatia da classe mais numerosa da humanidade moderna: os operários.

Ínúmeros são os que já compreenderam o perigo comunista. A maioria, porém, não sabe em que consiste exatamente este perigo e como deve ser enfrentado.

Compreendemos toda a realidade deste perigo comunista quando o vimos em ação em nossa pátria, onde se apoderou do poder. Somente então verificamos que não tínhamos avaliado toda a extensão deste perigo. Julgávamos que sua única força era a ditadura e a violência. Verificamos que a realidade não era tão simples.

Somente então compreendemos a verdadeira força de nosso adversário e o modo como lutar contra ele. Para nós, porém, era tarde demais. A ditadura comunista elimina atrozmente todos os seus adversários.

Nossos pensamentos voltaram-se, então, para a Igreja existente no mundo livre: lá ainda há tempo; lá podem ainda compreender a gravidade do momento presente, e tomar tôdas as medidas necessárias.

Esforçamo-nos em descrever a verdade tal qual a vimos. Faremos isto por amor da Verdade. E sobretudo o faremos, porque nossa missão não é destruir o inimigo, mas sim ganhá-lo e convertê-lo. Além disto, seria perigoso não conhecer objetivamente um adversário, não saber em que consiste sua verdadeira força, qual o motivo profundo de seus sucessos... Se o desvalorizássemos, expor-nos-lamos ao perigo de não nos preparar contra êle como seria necessário. Se não o conhecêssemos bastante objetivamente, poderia acontecer que os remédios e os meios aplicados contra êle permanecessem ineficazes.

Esta relação quer ser, antes de tudo, um testemunho; uma mensagem humilde e modesta, mas sincera, ditada pelo amor e selada pelo sangue dos mártires.

Esta exposição objetiva e serena da insidiosa técnica prática do comunismo impõe-nos — sob condição de não estarmos atrasados — o conhecimento e a aprendizagem a todos nós, sacerdotes, religiosos, religiosas e educadores do mundo livre.

Lição viva atravessa o livro, "ditada pelo amor e gravada com o sangue dos mártires". Reclama revisão de método pedagógico, filosófico e pastoral a todos os que sustentam o duro, mas belo combate da Igreja, ainda que esta, em si, nada tenha a aprender de qualquer regime.

Aqui, o testemunho tremendo de um padre dentro de um drama efervescente de consciência: expressões traem seu estado de alma. Mas debilitamos a eloquência da lição tentando matizá-la ou retificá-la.

Importa apreender, da técnica de fazer o mal, a arte de praticar o bem.

O Tradutor P. Anacleto Ortigara M. S.

CAPITULO I.

A LUTA CONTRA A RELIGIAO E CONTRA A IGREJA

1. Que pensam os comunistas da religião e da Igreja?

A *Religião* não é mais que uma "superestrutura de um sistema econômico injusto e antiquado". No *plano ideológico*, a religião é apenas uma explicação irracional dos segredos da natureza. Quanto mais a ciência progride, mais a religião se desvanece; quanto mais um homem se instrui, menos religioso é. No *plano econômico*, a religião não passa de um desejo de felicidade dos explorados, dos fracos, sistematicamente abusados pelos exploradores, os fortes. Em outras palavras: todo o homem deseja ser feliz sobre a terra. Devido, porém, a uma estrutura econômica injusta, a maioria dos homens são excluídos dos bens deste mundo, e perderam até mesmo a esperança de jamais poder adquiri-los. No seu desespero começaram a sonhar com uma felicidade além-túmulo. Esse sentimento foi e é explorado de maneira sistemática pelos ricos, que, querendo conservar e aumentar suas riquezas à custa dos pobres, enfraquecem as reivindicações sociais destes, desviando-lhes a atenção dos problemas do mundo, e fazendo-lhes crer numa felicidade e numa justiça do além.

Este é o motivo por que o comunismo luta contra a religião em nome da "ciência", em nome da "justiça" e do "progresso" social.

A *Igreja*, para os comunistas, é uma organização de especuladores capitalistas e imperialistas que exploram o povo ignorante e impotente. Esta é a razão — dizem — por que os bispos da Idade Média foram, ao mesmo tempo, príncipes seculares; o Papa também, pelos mesmos motivos, foi, e é, não somente o chefe da Igreja, mas também o chefe de um Estado particular.

2. A tática comunista na luta contra a Igreja.

O comunismo considera a religião e a Igreja como seus inimigos ideológicos e sociais. A oposição entre a religião e o comunismo é fundamental. Os comunistas, porém, não suprimem a Igreja de um só golpe; combatem-na com prudência, pouco a pouco. Seu objetivo é a transformação da antiga estrutura social e a construção

de um "mundo novo"; tenta ganhar para esta nova ordem o mundo inteiro. O restante deve ser subordinado ao fim principal. Eis por que a liquidação da Igreja não se fará em detrimento do esforço econômico no interior dos países comunistas, e nem se deverá conter a sua expansão nas nações em que desejam dominar. A luta, portanto, do regime comunista contra a Igreja depende de dois fatores:

1) *da intensidade da vida religiosa do povo* (resistência dos fiéis contra a propaganda anti-religiosa).

2) *da repercussão que produz no estrangeiro a luta contra a Igreja nos países totalitários.*

Se as circunstâncias o exigissem, os comunistas não hesitariam em mostrar-se provisoriamente como protetores da liberdade religiosa e da Igreja. Crêem mesmo que o homem inculto tem reais necessidades religiosas. Mas, pela transformação da estrutura social, o homem virá — pensam — a ser ateu. As ocultas, examinam ainda a situação religiosa do país, orientam tôdas as fôrças para descobrir os pontos fracos e as posições fortes do catolicismo; espiam as personalidades dirigentes da Igreja, seu clero, suas instituições... E organizam, então, um programa detalhado para a liquidação eficaz da religião e da Igreja.

O comunismo, que compreende de maneira excelente a potência da organização, não vê na Igreja mais do que uma religião poderosamente realizada. Contra tal organização seria difícil lutar diretamente. Eis por que é necessário, em primeiro lugar, quebrar a unidade da Igreja: é preciso decompor a articulação da Igreja. Como?

1) Antes de mais nada *partir a unidade com Roma*, cortando o contato da hierarquia e dos fiéis com este centro da Igreja católica. Ao mesmo tempo, a propaganda suscitará meios de minar a confiança, o respeito e o amor do clero e dos fiéis para com o Santo Padre.

2) *Esfacelar a unidade dos bispos entre si.*

3) *Desarticular a unidade entre bispos e padres.*

4) *Lançar a desunião dos padres entre si.*

5) *Romper a união entre clero e fiéis.*

Como as convicções religiosas permanecem ainda profundamente enraizadas na alma do povo, sobretudo em certas regiões, e como o comunismo se comprometeu perante as outras nações na luta anti-religiosa, os comunistas tentam dissimular o combate à Igreja: querem combatê-la no plano social e político e não no plano propriamente religioso; pretendem convencê-la, assim como a seus representantes, de crimes anti-sociais e antinacionais.

3. Como empreendem, na prática, a luta contra a Igreja.

a) *Alguns traços gerais.* — *Coação física:* a estatização das escolas; dissolução das organizações; nacionalização dos bens; su-

pressão da imprensa, dos conventos, da nunciatura, aprisionamento dos bispos e padres; instalação de "Bureaux" para assuntos eclesiásticos; liquidação da Igreja Greco-Católica (uniata). Tudo isto se faz sob pretextos não religiosos; por razões sociais, económicas, etc... A imprensa católica é suprimida devido à falta de papel; desterram os religiosos para reconduzi-los ao espírito primitivo de sua vocação; condenam os bispos e os padres por suposta atividade contra a Nação...

Comprometer a Igreja. Os comunistas procuram minar o respeito e o amor mútuo entre os membros da Igreja. Apresentam a Igreja aos olhos do público como organismo de especuladores comerciais e políticos que se aproveitam da ignorância, da ingenuidade do povo para se enriquecer e aumentar sua hegemonia política. Com esse intento, espalham entre os fiéis (com todos os meios da propaganda moderna) "histórias" tiradas do passado ou da vida presente da Igreja. Estes contos são puras fantasias, ou então, fatos reais, mas desfigurados, ou erros de um particular, generalizados... O defeito desta propaganda são os processos importantes onde figuram bispos, padres e religiosos, os mais influentes, que confessam publicamente que a riqueza e a hegemonia política têm sido o motivo principal de sua atividade.

b) *Por que razão se acusa o Vaticano e o Santo Padre?* — Se o comunismo ataca o Papa, é sempre enquanto chefe da Cidade do Vaticano, desse Estado que, embora pequeno, ocupa uma posição, segundo dizem eles, entre as maiores potências financeiras do mundo.

Para os comunistas, a Igreja foi fiel ao ensinamento e ao exemplo de Cristo até Constantino, o Grande. Até então, se conservara Igreja do povo. Cristo mesmo foi uma espécie de revolucionário excitado pelas necessidades do povo de seu tempo (porém nos manuais de história, para uso das escolas médias, têm a Jesus de Nazaré como pessoa lendária que jamais existiu).

Constantino, o Grande, inaugurou a separação da Igreja e do povo. Depois de Constantino, afirmam os comunistas, a Igreja traiu a sua primitiva missão: veio a ser uma potência política bem organizada, para a qual a religião é um meio de engrandecer sua hegemonia política. Depois de Constantino, continuam os comunistas, a Igreja foi sempre solidária à classe dirigente. Apoiou-se sobre o poder dos imperadores romanos. O Papa tornou-se soberano temporal, ambicionando sempre a supremacia mundial. Os comunistas buscam, nas cruzadas, a manifestação dos esforços imperialistas da Igreja; na Inquisição descobrem um instrumento para a servidão do espírito.

No tempo do feudalismo, continuam os comunistas, a Igreja foi o mais portentoso senhor feudal — possuía 1/3 das terras dos países

cristãos. Defendia e condenava cada tentativa do povo para libertar-se d'êste jugo. E conservou o regime até o presente.

E, como a Igreja outrora protegeu o feudalismo, também hoje é cúmplice do capitalismo e quer impedir o povo de libertar-se d'êsse sistema.

A lista das calúnias e das maledicências é longa demais para enumerá-la tôda. Hoje, o Estado do Vaticano, repetem os comunistas, está inteiramente a serviço dos Estados Unidos da América do Norte. E' o instrumento principal de sua política reacionária. Aliado fiel dos U.S.A., o Vaticano é o inimigo jurado da classe dos trabalhadores; protetor do capitalismo (o Vaticano é, sem dúvida, segundo os comunistas, uma das maiores potências capitalistas do mundo); fautor da guerra, o Vaticano sempre agiu contra os interesses dos povos eslavos, mesmo se católicos. O Vaticano, enfim, organizou imensa rêde de espionagem em benefício dos Estados Unidos, dos quais são agentes os nuncios apostólicos, os bispos, os padres e, de modo particular, os jesuítas.

c) *De que são acusados os bispos?* — Os bispos, na história, foram não sômente chefes espirituais de suas Dioceses, mas também príncipes seculares muito poderosos. Agiram sempre contra o povo. E, até hoje, permaneceram fiéis a êste espírito: Fazem todo o possível para chegar a ser ricos e poderosos. Os comunistas, para confirmar sua tese, alegam as grandes propriedades dos bispos e a suposta triste condição social dos empregados d'êstes domínios.

Os comunistas recriminam ainda os bispos de ter, no passado, colaborado com todos os regimes e aceito com prazer a proteção dos poderosos desta terra. Hoje, porém, porque o "povo" é o dono do nosso país, recusam colaborar com o regime; e isto, porque o "povo" não reconhece mais a sua condição econômica e sua classe social de outrora.

Porém o maior "êrro" dos bispos é serem os representantes do Vaticano, seus espiões e, assim, colaborar em todos os crimes de que os comunistas culpam o Vaticano.

d) *De que acusam os padres?* — Se um padre é conduzido ao tribunal, acusam-no naturalmente de ter agido contra o Govêrno em proveito do Vaticano... Mas na propaganda comum, comprometem o padre, representando-o como usurpador, cujo sonho é levar uma vida cômoda e farta.

Censuram ao clero de medir a solenidade das cerimônias eclesiásticas (enterros, casamentos, etc.) conforme a quantia oferecida. Negam mesmo os funerais, etc. a quem não os puder pagar. A propaganda cita, algumas vêzes, casos autênticos, porém, generalizados. A vulgarização comunista desencavou todos os escândalos eclesiásticos, antigos e recentes, verdadeiros ou falsos, para compro-

meter a Igreja. E espalha as acusações contra o clero por todos os meios de que a técnica moderna dispõe.

e) *A liquidação da Igreja e do clero.* -- A campanha da propaganda não é senão, de modo geral, uma introdução para intervenções mais radicais contra a Igreja e seu clero. O cuidado da difusão comunista é preparar psicologicamente a opinião pública para estas manifestações. Mesmo certos processos públicos não são senão uma preparação psicológica para operações mais vastas e radicais. Assim à extinção das ordens religiosas precedeu uma denúncia contra os superiores religiosos e uma violenta campanha contra eles. A condenação dos bispos foi antecedida pela sentença de certos sacerdotes por atos ordenados pelos seus Ordinários...

CAPÍTULO II

PROBLEMAS PERANTE OS QUAIS É COLOCADA A IGREJA NUM REGIME COMUNISTA.

1. Que exige o regime da Igreja e do clero?

O regime comunista evita a luta direta contra a Igreja. Deseja, porém, que a Igreja lhe seja submissa (como tôdas as outras organizações), que se adapte à nova ordem social e, enfim, que colabore *positivamente* com o atual regime: isto significa não ser suficiente a um padre cumprir fielmente todos os deveres cívicos; deve ainda manifestar — de um modo ou outro — sua atitude positiva a respeito de regime (como, por exemplo: participar dos cursos de reeducação, aos grupos, etc...). Assim, não basta ao sistema ter eliminado praticamente a Igreja da vida pública (supressão das escolas, da imprensa, das organizações católicas); ter-lhe circunscrito o âmbito de ação unicamente a seus templos; o regime quer ainda mais: pretende que a Igreja colabore com ele na organização da ordem social nova, como auxiliou outros sistemas anteriores que, entretanto, tiveram outra atitude em relação à Igreja e à religião que a dos comunistas. Far-se-á isto em nome do preceito evangélico: "Não há nenhum poder que não venha de Deus... Dai a César..."

Por que o regime quer o adjutório da Igreja?

1) porque a influência do clero sobre o povo é grande. Os comunistas exigem que o clero use desta influência em interesse do esforço econômico do regime;

2) esta colaboração "amigável" será um argumento ao estrangeiro de que o comunismo não está contra a Igreja e contra a religião;

3) esforce-se por arrancar da Igreja a missão religiosa, ou ao

menos limitar-lhe a atividade ao mínimo, empregando o clero em encargos seculares. Laicizando a Igreja, a sua eficácia religiosa diminuirá e, deste modo, será mais fácil a sua liquidação.

Por estas razões, o regime queria estabelecer um "compromisso" com a Igreja. Embora suprimindo as escolas, a imprensa e os organismos católicos, ambicionava ganhar a hierarquia e o clero para esta cooperação, oferecendo-lhes algumas vantagens materiais.

Os bispos recusaram este compromisso e, por causa disto, foram lançados em prisões ou metidos em residências vigiadas. Substituindo-os, o Ofício do Estado para os assuntos eclesiásticos nomeou "vigários gerais" escolhidos entre os "padres patriotas" e controlados pelos funcionários do Estado residentes nas cúrias episcopais.

O regime quer atrair o maior número possível de padres para sua empresa. E os que resistem vão sendo, pouco a pouco, afastados, sob pretextos políticos. A intransigência dos religiosos neste ponto foi o verdadeiro motivo de sua expulsão.

2. O problema capital da Igreja sob o regime comunista é o seguinte

Pode ela tolerar silenciosamente a supressão da imprensa, de suas escolas, de suas organizações, o controle (até mesmo a ingerência) comunista em sua administração e em sua atividade? É possível aceitar sem protestar (reclamação é um ato criminal) a limitação da atividade sacerdotal unicamente à administração dos sacramentos e à pregação da palavra de Deus nas Igrejas? Devem os padres preencher tôdas as obrigações cívicas que o regime lhes pedir e manifestar de uma maneira ou outra a sua "atitude positiva" para o bem do regime? Isto tudo para salvaguardar o mínimo: Administração dos sacramentos e a pregação da palavra de Deus na Igreja (como fazem em certas regiões pagãs).

Ou, talvez, é preciso deixar-se aprisionar, condenando o regime, defendendo os direitos da Igreja e recusando a colaboração com o regime e assim ceder lugar aos padres indignos, "reeducados" ou formados pelo regime?

A fim de vermos claramente o problema, é necessário considerar ainda isto: o padre, até agora, tem sido uma pessoa privilegiada pelo direito e pelos costumes do país: goza da isenção quanto ao serviço militar, etc. O sistema comunista aboliu, por completo, estas vantagens da Igreja e do clero, laicizou-as, se nos é permitido assim falar. Ao padre impôs os mesmos deveres que a qualquer cidadão. E estas obrigações cívicas são, no sistema comunista, mais numerosas e mais delicadas que em outro regime.

Nos países eslavos, os fiéis não estavam habituados a ver padre assim degradado, assim laicizado. Até agora, o padre era, em nosso meio, de certo modo, um ser separado dos outros, rodeado de uma atmosfera sagrada. Ei-lo agora colocado no mesmo nível

dos outros cidadãos, em tudo igual a eles; tanto nas obrigações a cumprir como na maneira com que o regime trata a todos. Poder-se-ia aceitar esta degradação do padre, embora com risco de escandalizar os fiéis?

3. Os problemas diante dos quais são postos os bispos.

a) O regime exige dos bispos uma colaboração severa e uma posição tão positiva para com ele, como tiveram em favor dos regimes que favoreciam a Igreja, ou pelo menos, que respeitaram a liberdade da confissão. Ser-lhes-ia lícito aceitar um regime que privou a Igreja de quase toda a liberdade, que se ingere na administração das dioceses, cuja ideologia para um crente é inaceitável? (Entretanto, não se forcem a Igreja e o clero a aceitar esta ideologia).

Se dizem “não” ao regime, privam automaticamente os fiéis de seu pastor. Se dizem “sim” comprometem-se em parte diante dos fiéis, dando-lhes mau exemplo. Pois os fiéis não sabem distinguir do substancial o accidental, da colaboração material a formal, ignoram o princípio do mal menor, etc. Se percebem que os bispos prestaram o juramento de fidelidade ou de qualquer modo manifestaram atitude positiva ao comunismo, muitos fiéis interpretarão este ato como uma colaboração dos bispos com o regime, e sentir-se-ão com isso autorizados a praticar atos dos quais deviam abster-se.

b) Os Vigários gerais: O Estado pede que os bispos nomeiem, como vigários gerais e cônegos, os candidatos apresentados pelo Ofício do Estado para os assuntos Eclesiásticos. Se se opõem, os candidatos serão colocados nestes cargos sem a confirmação da autoridade eclesiástica, como aconteceu na diocese de Banská Bystrica (caso do Pe. Dechet) — donde proveio grande confusão na diocese. Se os bispos não os acolhem, há o grave perigo de ocuparem os postos mais importantes da diocese padres menos dignos...

Sucede o mesmo com a nomeação de párocos e vigários.

Poderíamos ainda enumerar outros problemas: a prestação de juramento de fidelidade; a aceitação das honras do Estado; a participação às conferências em favor da paz; as ordenações de padres...

4. Os problemas diante dos quais são colocados os padres.

a) *O afastamento dos bispos.* — Até agora, os padres estavam acostumados a receber do bispado as diretivas para todos os assuntos importantes. Atualmente, os bispos estão isolados dos seus padres. O padre sente-se, assim, constrangido a resolver problemas extremamente delicados, sem conhecer o parecer de seu bispo. E' mesmo punido, se alguma vez seguir as diretivas do seu prelado. (Em 1949, devido à leitura das cartas pastorais, interditas pelo

governo, não foram punidos os bispos que as redigiram e que ordenaram a leitura, porém aprisionaram os padres que as comunicaram aos fiéis).

b) *O Ofício do Estado para os Assuntos Eclesiásticos.* — Desde o ano de 1949 existe, nos países comunistas, o Ofício do Estado para os Assuntos Eclesiásticos. Ingere diretamente na administração da diocese. Devem passar por este Ofício todos os atos da cúria episcopal. Recebem, assim, os padres, cartas pastorais, diretivas, avisos, etc., que trazem o selo do seu bispo, mas ignoram realmente se o bispo autorizou a edição destes documentos, ou se o fez livremente. Poderão seguir estes avisos, poderão ler em público estas cartas pastorais? Se não o fazem são punidos pelo Estado por “desobediência às autoridades eclesiásticas”; se o fazem, escandalizam os fiéis, pois o conteúdo destas “cartas pastorais”, sem ser contra a fé, favorece o programa econômico ou a política do regime.

c) *O confessorário.* — Que terríveis problemas aguardam o padre neste lugar sagrado, que os comunistas procuram profanar e comprometer!

Como dirigir os fiéis, como os instruir, como resolver seus problemas criados pelas circunstâncias atuais? Enfim, como distinguir os verdadeiros penitentes, dos agentes provocadores, comunistas que vêm confessar-se para poder, em seguida, denunciar o padre às autoridades, quando, por exemplo, o padre lhes nega a absolvição pelo fato de serem comunistas, ou porque lhes deu instruções incompatíveis com as leis do regime atual? (Recusar a absolvição a um comunista, nos países vermelhos, é considerado crime contra o Estado).

d) *A cátedra da verdade.* — Atualmente os católicos têm numerosos problemas religiosos, suscitados pelas circunstâncias presentes, pela propaganda comunista, pelos cursos de reeducação, etc. Tratar, porém, clara e abertamente estas questões no púlpito seria julgado como “uma ação criminosa” contra o Estado ou contra o povo...

e) *As turmas de trabalho.* — O trabalho manual feito nestas turmas. não tem, em si, nada de mau. Todos o fazem sem escrúpulo. Mas se um padre participa de um grupo, a propaganda comunista exalta-o como “padre propagandista”. Além disso, nas aldeias, as turmas trabalham quase sempre nas cooperativas agrícolas. Se o padre aí vai trabalhar, torna-se malquisto pelos fiéis que detestam estas cooperativas. Se acaso não vai, é tachado pela imprensa como inimigo do povo, burguês...

f) *A Sociedade dos amigos da URSS. O movimento dos sequazes da paz, etc....* — As autoridades impõem aos padres pregar sobre estas organizações, ou a elas aderir. E é declarado inimigo da Paz da URSS, futor da guerra, etc., se se recusa a fazê-lo. Se obe-

dece, cai na suspeita do povo e escandaliza-o (embora os leigos, os homens mais cultos e respeitadas apoiem estas ações ou adiram a elas sem escandalizar ninguém — o povo fiel e simples julga mais severamente um padre que um leigo).

g) *A participação aos cursos de educação política* (obrigatória a toda a "intelligentia"). — Se o padre recusa a participação, torna-se suspeito por não ter mostrado uma "atitude positiva em atenção ao povo". Ordinariamente tal padre não permanecerá muito tempo em seu posto. E se assiste a estes cursos, perde a confiança dos fiéis.

O maior inconveniente em todas estas questões provém de que os padres não reagem da mesma forma. Uns são mais largos, outros mais rigorosos. Se todos procedessem da mesma maneira, diminuiria notavelmente o escândalo dos fiéis, pois julgam um padre pela atitude de outro; tal padre não se sentiu autorizado a subscrever certo documento — este outro que o assinou é, então, um covarde... e assim por diante.

A tática sutil dos inimigos da Igreja quer quebrar a unidade do clero. Eis um exemplo:

Em 1950, o clero foi submetido a uma prova: aceitar ou não o estipêndio enviado pelo Estado. Parte do clero opôs-se à aceitação, pois a condição imposta era o juramento de fidelidade cívica. O restante pensava que o clero tinha direito a este ordenado como indenização dos bens confiscados da Igreja.

Ora, o intento do regime era justamente dividir o clero. Os bispos aperceberam-se disto, e sabendo bem que uma parte do clero aceitaria finalmente o salário, autorizaram a todos os padres a aceitar este estipêndio e fazer o juramento de fidelidade cívica sob a condição seguinte: na medida em que este juramento não fôr contrário aos direitos de Deus e da Igreja.

Por seu lado, os bispos declararam uníssonos que não aceitariam o ordenado do Estado. Por esta intervenção rápida e unânime do episcopado, falhou a manobra dos comunistas: a unidade do clero foi, por um tempo, salvaguardada.

5. Os problemas diante dos quais são postos os religiosos e as religiosas.

Os religiosos não são colocados diante de problemas tão complicados como os padres diocesanos, pois foram todos desterrados em 1950 e reunidos nos "conventos de concentração", onde toda a atividade apostólica lhes é impossível.

Logo após a sua deportação acharam-se diante da escolha: permanecer isolados nestes "conventos de concentração", ou aceitar a direção de paróquias. Mas esta última proposta estava ligada à condição de assinar uma declaração de saída da Ordem ou Congre-

gação religiosa à qual pertenciam. Prometeram-lhes que poderiam pôr-se livremente à disposição dos bispos. A maioria dos religiosos rejeitaram a oferta, sobretudo para evitar o escândalo aos fiéis.

Difícil seria descrever a profundidade dos sofrimentos interiores e o número de calúnias, de injúrias e de injustiças a que são expostos os religiosos exilados. Só Deus o saberá e o compreenderá. Sua mais dilacerante angústia é não poderem trabalhar pelas almas; não poderem pregar, nem administrar os sacramentos. Porém sua dor e sua fidelidade não são mais eloqüentes que o seu sangue? Por seu exemplo e sua fidelidade heróica instruem e falam aos corações dos fiéis. Por seus tormentos e pelas suas orações merecem graças para a nação inteira.

Os católicos o compreendem — e o exemplo dos religiosos resignados é, com freqüência, para os fiéis expostos a tantas tentações, o último esteio em que se apóia a sua fé. Por isso as residências onde encontram os religiosos vieram a ser lugares de contínua peregrinação.

“Que os espera? qual o seu futuro? Quais as vossas expectativas para o futuro?” perguntava eu ao meu superior maior em setembro de 1951. Vinha êle da lavanderia onde fôra encarregado da lavagem da roupa. Vestia ainda o “caoutchouc” de lavadeiro.

“Minhas expectativas?” respondeu êle, com um sorriso, olhando o céu por cima dos altos muros: “Não nos resta senão o céu”.

Esta resposta exprime de maneira excelente a situação dos religiosos. Privados de tóda a proteção e de tóda a esperança humana, não lhes resta senão uma perspectiva: o céu.

Tudo o que dissemos dos religiosos vale — mutatis mutandis — também para as religiosas. E' mais penoso ainda para elas porque devem resolver os problemas mais delicados, sem poder consultar seus superiores ou diretores espirituais; o único padre com quem podem falar é o “padre patriota”. As religiosas que trabalham ainda nos hospitais serão, sem dúvida, submetidas a êste dilema: abandonar o hábito religioso para continuar junto dos doentes — ou retirar-se dos hospitais para afirmar sua intransigência.

6. Os problemas dos que ensinam o catecismo.

Como responder a questões, algumas vêzes sinceras, outras vêzes provocadoras dos alunos? “Quem tem razão, os comunistas ou os católicos? Qual das duas filosofias é a verdadeira?” Que medidas tomar para neutralizar a influência dos ataques que os alunos ouvem de seus mestres contra a religião e a Igreja?

E' muito precária a situação dos professores de religião e dos catequistas, o Estado quer formar catequistas leigos para substituí-los. Êstes catequistas são formados, precipitadamente, pelos padres e com o consentimento dos bispos. O curso, porém, é muito rápido:

dura somente três meses e os candidatos nem sempre são os melhores católicos. (Em geral são senhoras ou moças). Por falta de formação séria, estes novos ou novos catequistas, podem vir a ser — embora sem culpa — um instrumento de infiltração marxista no próprio ensino da religião. Por este motivo, os pais católicos não têm confiança nos catequistas laicos: preferem, muitas vezes, não enviar os filhos no catecismo, administrado por eles.

Para melhor solução, os padres catequistas devem proceder com grande prudência, a fim de permanecer o mais tempo possível no seu posto.

7. Os problemas dos fiéis.

a) Os pais devem fazer um pedido por escrito para que seus filhos possam frequentar os cursos de religião na escola. Até agora bastava a assinatura da mãe, como nossas mães sempre assinaram este pedido. Entretanto — embora haja igualdade perniciosa entre a mulher e o homem, solenemente convencionada pela Constituição — desde o ano escolar 1952-1953 é o pai que deve assinar a petição. Por quê? Fazem mais pressão sobre o pai, em particular quando exerce uma função importante, ou se é membro do partido. Se pede o ensino religioso para seus filhos sua qualificação política, sua cidadania e também sua carreira sofrerão com essa atitude. Apesar disto, no campo, a maioria dos pais fez o requerimento. O mesmo não aconteceu nas cidades, onde muitos não ousaram subscrever...

b) Os mestres, se professam o credo católico ou simplesmente cristão, encontram-se em situação extremamente delicada: como expor aos alunos a matéria de ensino oficial impregnada de materialismo e de ataques abertos ou mascarados contra a religião, contra o cristianismo e contra a Igreja? Controlam também a sua assistência à missa e a frequência aos sacramentos. Se são católicos praticantes, seus diretores os repreendem: como dar aos alunos o exemplo de um educador progressista, quando eles mesmos se acham ligados ainda aos velhos preconceitos religiosos?

De modo análogo observam e procedem com todas as pessoas influentes.

Éis a razão por que preferem as Igrejas mais afastadas ou as menos conhecidas.

CAPÍTULO III

A "REEDUCAÇÃO"

Até agora, jamais uma religião, uma ideologia ou um movimento político desenvolveu atividade tão universal, em todos os setores, não negligenciando meio algum para ganhar adeptos e para reeducar:

los no espírito de seu "Weltanschauung", como o fez o comunismo. Recompôr uma imagem fiel da realidade, descrever tudo o que se passa nos países satélites do marxismo, provavelmente ser-nos-ia impossível. Para compreendê-lo, é preciso tê-lo experimentado.

Qual a tática do regime para ganhar adeptos e para reeducá-los segundo seu espírito?

Antes de tudo, é preciso saber que, se o comunismo quer ins- truir alguém aspira a fazê-lo total e radicalmente: quer transformar todo o modo de pensar, tôda a mentalidade, tôda a atividade do homem, todo o seu sentido da vida. A concepção do mundo, a maneira de pensar, de viver e de agir de seus adeptos será realmente comunista.

Para atingir o intento:

a) devem colaborar para isto a imprensa, a escola, a arte e todos os meios modernos de propaganda.

b) a direção da vida dependerá da ideologia comunista. A teoria e a prática devem caminhar juntas.

1. Propaganda.

A publicidade, a imprensa, as obras literárias, artísticas e científicas devem nascer da ideologia comunista e nela confirmar-se. Cada artigo (mesmo o estritamente científico) tomará uma atitude positiva em relação à ideologia comunista. Da mesquinha publicação religiosa que ainda tolera o regime, exige-se-lhe um apoio em favor do sistema social. Ela pode, portanto, silenciar o aspecto ideológico e filosófico do comunismo. O regime tolera esta única exceção por razões de tática. É-nos certamente surpreendente que nem mesmo os trabalhos estritamente científicos sejam livres da obrigação de propaganda. Segundo a ideologia comunista a "ciência é tendenciosa" e o "objetivismo" uma heresia. Pelo menos a introdução e a conclusão de um livro comunista deverão exprimir a fé comunista. Isto, porém, de ordinário não basta; nos trabalhos científicos a infiltração da ideologia comunista deverá ser mais profunda.

De que maneira as publicações religiosas farão a propaganda do sistema social atual? Não bastaria um silêncio prudente: o não cõdenar. As publicações católicas manifestarão expressamente sua atitude positiva: "Permitimos a "Gazeta Católica", porém deve ser redigida de acõrdo com o esforço atual do povo, isto é, do regime. No mesmo espírito deverá escolher as citações da Sagrada Escritura. Valerá isto também para os sermões e para o ensino da religião". (Alocução do Ministro dos Assuntos Eclesiásticos Fierlinger, 1950).

Esta norma é válida não sòmente para os livros e jornais, mas também para seus autores e, em geral, para todos os inventores públicos: em suas atividades sociais "unirão seus trabalhos aos esfor-

ços atuais do povo para um futuro melhor", etc., isto é, em favor do regime. Os próprios eclesiásticos não são dispensados desta obrigação (manifestar simpatia a este sistema social do regime), porém não são forçados, por enquanto, a aprovar sua ideologia e sua filosofia.

Uma grande vulgarização é feita às obras de Marx, Engels, Lenin, Stalin e de todos os ideologistas e sábios comunistas, ou dos que o comunismo aprova (Darwin, por exemplo) e considera como seus precursores. Traduzem estes livros em tôdas as línguas nacionais, providos de comentários e explicações. Editam separadamente as passagens ou partes de maior importância destas obras, e a tiragem destas brochuras eleva-se a dezenas e centenas de milhares de exemplares.

A leitura destas obras ou pelo menos do seu resumo é obrigatória.

2. A arte.

Trabalhar para a coletividade, oferecer-lhe seus serviços é o que a propaganda comunista apresenta como fim último da vida, a maior honra e suprema felicidade. Tôda a produção literária e artística comunista, assim como o teatro e o cinema estão a serviço da difusão desta idéia, desta tendência que se chama "realismo socialista". O otimismo é a nota característica desta ambição: todo problema, tôda intriga, tôda crise contra uma feliz solução: com freqüência, até um criminoso, um ébrio, um vagabundo, um desesperado reencontram a confiança em si e vêm a ser homens de bem, descobrindo um verdadeiro sentido para sua vida no trabalho para a Coletividade (em linguagem comunista significa: o empenho à edificação socialista da sociedade). Nenhum teatro ou romance pode ter como desfecho o desespero ou o pessimismo. Nem mesmo o amor será o tema principal de um romance, de um filme ou do teatro socialista: preferir-se-á ao amor, e mesmo à vida familiar, o serviço e o trabalho para a sociedade. A fábrica, a empresa, a ação, a coletividade, valem mais que as aventuras amorosas, as façanhas heróicas, a mulher, a família... Mesmo a mulher e as crianças procurarão sua felicidade no apêgo à edificação socialista da sociedade. Os meninos não devem brincar de índios, de detetives ou de príncipes; porém de engenheiros, mineiros, construtores de uma sociedade mais feliz...

Por seu otimismo, por sua habilidade, esta propaganda influencia realmente a opinião pública, propaga a ideologia comunista e conquista-lhe aderentes.

E' necessário responder ainda a esta pergunta: Pode-se fazer uso da produção artística (e literária) pré-revolucionária? Sim, enquanto possa ser útil à ideologia comunista (por exemplo, se fizer sobressair — sem ter intenção — os contrastes sociais dos regimes capitalistas, etc.). Muitas vêzes refazem, acomodam as obras

clássicas neste sentido. No entanto, a importação de filmes, quadros, etc., artísticos dos países capitalistas é muito restrita. O ministro da Propaganda faz a escolha e ordena as eventuais modificações.

3. A propaganda comunista na escola.

Nas escolas maternas e nas classes inferiores das escolas primárias, a ideologia comunista é administrada em pequenas doses às crianças: as contos e as poesias a eles destinadas falam de Stalin, das fábricas, das minas, procurando despertar o sentido social, o ódio aos capitalistas, o gosto pelo trabalho, etc. Os jogos são impregnados do mesmo espírito.

O materialismo dialético e histórico, isto é, a filosofia e sociologia comunista é matéria de primeira importância nos ginásios e em todas as escolas especializadas. As melhores horas do dia são empregadas neste ensino. Se alguém não recebeu boa nota nesta matéria não poderá continuar seus estudos.

Nas escolas superiores, em todas as Faculdades sem exceção, o materialismo dialético e histórico é também matéria obrigatória. A presença a essas aulas é severamente controlada. O ensino do materialismo não é igual em todas as Faculdades, pois se esforçam por adaptá-lo às necessidades práticas e à missão particular de cada profissão; além do mais, é obrigatória a leitura de certas obras de literatura comunista. Enfim, submeter-se-ão a um exame de tudo o que foi lido e ouvido sobre esta matéria. O prosseguimento dos estudos dependerá do sucesso destes exames.

4. A atividade fora da escola.

Dissemos que o comunismo exige que a teoria e a prática estejam intimamente unidas. Desta maneira a juventude é obrigada a pôr em prática, nas atividades extra-escolares, tudo o que aprendeu na escola. Deverá fazer a propaganda ativa em favor do comunismo. O comunismo quer, por esta atividade, formar a juventude. Quer que a mocidade venha a ser inteiramente comunista.

a) *Propaganda da imprensa comunista.* — Os alunos e estudantes vão dois a dois, de casa em casa, obter assinaturas para a imprensa comunista. Antes de tudo, exige-se-lhe conquistar os pais. Assim, o menino chega a ser o apóstolo do comunismo em sua própria família.

b) *Propaganda em favor de agrupamentos e atividades comunistas.* — Com a mesma tática com que conseguem assinantes, os jovens obterão adeptos para as diferentes atividades comunistas. Deverão, por exemplo, recolher assinaturas para "O movimento da paz". Irão ainda procurar partidários para a "Sociedade dos amigos da URSS". Um mês por ano é consagrado ao aprofundamento da

amizade com a URSS. Durante êsse mês, os membros, em particular os jovens da "Sociedade dos amigos da URSS", têm a obrigação especial de aumentar seu número, propagar a literatura russa e, em geral, para a imprensa comunista russa, e sobretudo, ganhar novos adeptos voluntários para os "Cursos populares de língua russa". Estas aulas são destinadas aos adultos; (jovens, obrigatoriamente aprendem o russo nas escolas) e são organizados em quase tôdas as vilas. Sua finalidade é ensinar a ler o russo aos adultos e assim tornar-lhes acessível, neste idioma, a rica literatura comunista. Êste trabalho é quase todo exclusivamente confiado à juventude das escolas. Também neste ponto começarão pela própria família, (são interrogados expressamente se conquistaram seus pais). A juventude das escolas procurará ainda persuadir os pais das vantagens da cultura em comum e granjeá-los para as cooperativas agrícolas.

São remunerados de maneira especial os alunos e estudantes que sobressaem nesta atividade. Esta atividade é mesmo uma condição de continuação nos estudos, sobretudo nos ginásios e nas escolas superiores.

c) *As turmas de trabalho.* — Existe variedade muito grande destas turmas. Limitar-nos-emos aqui àquelas que são organizadas para a juventude das escolas. Todos os alunos, sem exceção, desde as escolas primárias às superiores, são obrigados a tomar parte nesses cursos alguns dias por ano. Trabalham principalmente nos campos.

Ainda mais: os alunos das escolas médias e os estudantes consagram ao menos um mês de suas férias de verão aos trabalhos manuais, geralmente em construções de estradas...

Neste ambiente, os perigos morais não são talvez tão grandes quanto o perigo da contaminação ideológica. Os jovens são por natureza românticos e gostam de novidades. Tal atmosfera extraordinária, em que tôda a juventude se mescla sem distinção de classes, agrada-lhes. O próprio trabalho adquire valor educativo. Os diferentes recursos de trabalhos, de esportes, de círculos científicos, a consciência de construir prazenteiramente algo de importante e útil por um esforço comum, produzem impressões inolvidáveis nos jovens corações. Está criada, assim, a atmosfera favorável para a reeducação.

Eis o andamento do dia para as turmas de trabalho dos jovens: Seis horas são consagradas ao trabalho manual; duas horas à formação ideológica; duas horas ao esporte. Tomam as refeições em comum. Dormem sobre o soalho duro (sem colchão). Sob a cabeça, unicamente uma tábua. Cada um dispõe de dois cobertores.

d) *Leitura obrigatória de literatura comunista.* — Não apenas a juventude das escolas, mas praticamente todos são obrigados a ler a literatura comunista.

A "intelligentia" deve ler os livros comunistas, porque disto precisa prestar exames por ocasião dos cursos de reeducação e dos exames de madureza política. Além disto, em todos os "bureaux" e hospitais, em tôdas as emprêsas existem os chamados "Cursos de dez minutos": dez minutos antes do trabalho, todos os dirigentes e todos os empregados de cada emprêsa devem reunir-se por secções, para discutir juntos sôbre o trabalho em comum. Esta reunião é dirigida pelo secretário de cultura do partido que convive em cada setor de empreendimento. As vêzes tal concentração prolonga-se até uma hora. E' assim que os comunistas catequizam as populações.

A ninguém é permitido manter-se neutro. O operário, o agricultor, o intelectual, o padre, cada um deve ocupar-se do problema comunista, conhecer sua ideologia e tomar sua atitude a seu respeito. Todo o cidadão, sacerdote ou leigo é, em muitas ocasiões, questionado, oficialmente, sôbre sua posição no que diz respeito ao povo e ao regime. Podemos imaginar que problema crucial cria na consciência cristã esta questão; o que significa isto para a consciência de um sacerdote, visto que o regime se confunde cada vez mais com o partido. E se a resposta a êsse inquérito fôr negativa, a lei da proteção à República será aplicada contra êste "inimigo criminoso do povo". "Quem não está conosco está contra nós" — esta frase é repetida por tôda a parte, mesmo nas canções.

5. Os cursos de reeducação.

São organizados um pouco à maneira dos exercícios espirituais ou das missões populares. Duram ordinariamente de duas a quatro semanas. O regulamento do dia compõe-se dos seguintes pontos: quatro ou cinco horas de conferências, seguidas de discussão; (todos devem, obrigatoriamente, tomar parte ativa. Tais debates são bem vistos); leitura escolhida, reflexão individual, em silêncio; conclusões (cada qual deve elaborar e ler publicamente um relatório sôbre a questão tratada). Durante todo o tempo da reeducação os participantes são isolados do mundo exterior. A estada, inclusive a viagem, é gratuita; o reeducado continua recebendo o salário completo, como se trabalhasse em seu emprêgo. Existem cursos particulares de reeducação para cada idade e profissão. Os cursos de reeducação teoricamente são livres; na prática, porém, a pessoa é moralmente constrangida a tomar parte, pois quem não participa é considerado suspeito. Exercem a maior das pressões sôbre os diretores e professores: devem êsses simplesmente aceitar a reeducação se desejarem manter seu lugar.

As matérias ordinariamente tratadas nos cursos de reeducação.
— Explicam-lhes o materialismo dialético, histórico, em outras palavras, a concepção comunista do mundo.

a) *As questões filosóficas:* a origem do mundo e do universo; a origem da vida e do homem (a evolução); a liberdade, a ciência, a moral, a religião. (A religião é apresentada como fase transitória na evolução histórica do homem. A religião é um "Ersatz" do conhecimento e da ciência insuficientemente evoluídas. Mas o progresso da ciência eliminará, pouco a pouco, a religião, respondendo a todas as questões e a todos os problemas irracionalmente explicados pela fé e pela religião).

b) *As questões sociológicas:* a evolução social e econômica do homem e da sociedade (o comunismo do homem primitivo, a escravidão, o feudalismo, o capitalismo, o socialismo, o comunismo — degrau supremo da Humanidade). Toda esta evolução explica-se pela luta de classes.

6. Resultados.

a) Digamos em primeiro lugar, em geral, que o segredo dos sucessos comunistas, a chave que leva o comunismo ao poder é o proletariado mundial, a descoberta desta massa imensa e de suas forças acumuladas, retidas e sufocadas por injustiças seculares.

O operário, respectivamente o proletário de hoje, não luta somente pela desproletarização material (mau grado os processos obtidos desde Marx, ao menos na Europa), mas também pela desproletarização espiritual e moral; éle batalha por sua dignidade humana.

Nosso operário não se contenta com o direito ao trabalho e com o aumento de salário. Quer tomar parte não só no lucro, mas também na direção e no capital da empresa. Quer ser livre, independente, igual — economicamente igual.

Segundo diz, aquele que não é como éle, operário ou que jamais viveu em contactos íntimos com o operário, não compreenderá nunca, ou dificilmente, o que significa ser economicamente sujeito, dependente de outro, durante uma vida inteira; como desencoraja ver as possibilidades que outros possuem, enquanto para si e para seus filhos está cortada toda a perspectiva de um futuro melhor. E se o patrão é impiedoso, tal dependência econômica reverte numa carga verdadeiramente esmagadora.

Verdade é que as barreiras erguidas pelo nascimento e diversidade das classes foram derrubadas. Hoje, qualquer um pode tornar-se milionário, empreendedor, ministro. São, porém, possibilidades mais teóricas. Para os economicamente fracos não se abre tal caminho senão por uma verdadeira exceção. Para a maioria, a possibilidade de instrução superior ou de livre escolha de profissão, conforme suas qualidades e seus gostos, é barrada por razões econômicas.

Cabe ao especialista analisar esta tendência, tal atitude de

espírito da classe operária. A êle compete julgar se a aspiração é justa e sã, e de que corretivos (ela) necessita. Quer queiramos, quer não, somos obrigados (se não queremos nos iludir) a constatar que existe esta tendência e atitude de espírito. Nada mais faz o comunismo senão explorar êste anseio e dêle abusar.

Na verdade, a maior saída comunista consiste na descoberta da força desta opção moderna, conquistando-a para seu uso. Se esta ambição não se tivesse despertado nos espíritos modernos, a ideologia comunista e seus esforços revolucionários teriam sido ineficazes, sem interesse e sem eco.

Ninguém estuda a psicologia da classe operária com tanta aplicação, ninguém a penetra tanto como os agentes do comunismo, pois êles próprios convivem com esta classe, no meio dela. Mantêm com ela contacto ininterrupto. O operário e qualquer outro empregado logo percebe: é o comunismo, dizem êles, que tem a maior compreensão, não só quanto às suas necessidades materiais, mas também no que toca às suas mais íntimas aspirações. Eis a razão por que vão com os comunistas. Crêem nêles.

Para muitos trabalhadores, portanto, o comunismo foi o primeiro a descobrir o operário, a compreendê-lo e ajudá-lo. O primeiro a sentir seus sofrimentos, seus desejos ocultos e recalçados; o primeiro a dirigir-lhe uma palavra amiga e encorajadora, a julgar-se digno de lhe falar. Os outros, praticamente, mantiveram-se à distância, enquanto o agente comunista, que é geralmente pessoa culta, fala-lhe de igual para igual, interessa-se por seus problemas, consulta-o...

O comunismo soube realmente conquistar no operário o homem. E' sempre por contacto pessoal, por amizade pessoal que os dirigentes comunistas ganham seus adeptos. Assim começaram Lenin, Stalin e todos os outros chefes atuais sem exceção.

b) Todo o enorme esforço de propaganda é de educação comunista seria, entretanto, ineficaz se o regime não apresentasse certo sucesso econômico.

Mas, em parte (de maneira, entretanto, muito parcial para criar o bem-estar e o contentamento das massas), êsse sucesso existe e é um fato. Dêsse resultado precisamente o comunismo tira os argumentos para sua propaganda e a confirmação de sua ideologia: "nossa filosofia e nossa sociologia são boas, porque são aprovadas pela prática".

Uma das forças mais eficazes da propaganda comunista é comparar a situação presente com a passada. A rapidez com que surgiram novas usinas, grandes barragens hidrelétricas, cidades inteiras ("as cidades socialistas"), novos empreendimentos em que são empregados 40.000 a 70.000 operários.

Induzem a juventude a comparar as possibilidades de instrução e de carreira de outrora e de hoje.

Para os filmes, teatros e a literatura tomam argumentos de história que fazem ressaltar os lados negativos da sociedade antiga, feudal ou capitalista, contrastando-os com a situação social, de hoje, dos países comunistas. A conclusão jamais pode divergir: a ordem social comunista traz ao povo a libertação da escravidão, da servidão e da miséria. Do mesmo modo escolhem deliberadamente os acontecimentos da vida do mundo ocidental que destoam de certos fatos do mundo comunista.

A propaganda encarrega-se de explicar algumas privações e dificuldades atuais como se fôsem fraquezas de um regime ainda na infância. Insiste continuamente no grande progresso econômico e industrial da URSS. Se a URSS se projetou num curto espaço de tempo como a potência mundial mais temível, é graças ao regime comunista. Qualquer outro sistema teria sido incapaz de fazê-lo tão rapidamente. Tem-se a impressão de que o comunismo descobriu forças e reservas até então ocultas nas massas e utiliza-as para a criação de sua economia, porquanto o povo, em sua maioria, trabalha com tal atividade, com tal dinamismo, com tal entusiasmo, como dificilmente encontraríamos noutro lugar. Verdade é que a pressão da ditadura representa nisto seu papel. Parece-me, porém, que só a ditadura não seria capaz de produzir tais efeitos, pois a ditadura, em vez de estimular, antes desgosta os súditos.

c) A todos os jovens, às pessoas simples ou cultas que não possuíam antes convicções fortes e coerentes, a propaganda comunista apresenta uma concepção do mundo coerente, uma "Weltanschauung" nova com grande solicitude, grande destreza e sagacidade. E apresentaram-na de tal modo que todos a entendiam. Aquêles que viviam dia por dia, sem muito refletir sobre o problema da vida e do que se passa em redor, descobriram horizontes novos graças à propaganda comunista. Os agentes do regime revelaram-lhes os mistérios da vida, da matéria, do universo; dos problemas sociais; da história da Humanidade. Sua maneira de falar era interessante, convincente e compreensível — falavam a sua linguagem. Isto fascinou-os como luz nova até então desconhecida.

Não podiam manter-se como ouvintes passivos. Deviam perguntar, ler, refletir sobre estes problemas. Era forçoso tomar uma atitude.

Podemos, pois, dizer que o comunismo proporciona uma "Weltanschauung" completa a 'odos aquêles que não tiveram do mundo uma concepção sólida e coerente. Embora falsa, aceitam-na quase sem crítica, como crianças, porque é a primeira que lhes foi exposta de maneira inteligente e interessante. O comunismo fez destes meninos intelectuais, adultos que têm idéias pensadas sobre o universo, sobre si mesmos e sobre a sociedade. Trata-se, repetimos, daqueles que, até então, não possuíam nenhuma concepção coerente e sensata do mundo. Sua própria fé era freqüentemente rotineira, irrefletida: acre-

ditavam porque seus antepassados creram e porque seu ambiente era crente. Outros tinham fé infantil, isto é, não se preocupavam em aprofundar a educação religiosa recebida na escola. Por isso agora não sabem responder às objeções sutis dos agentes comunistas contra a fé. E ninguém pode opor-se livre e abertamente a êstes ataques a que estão expostos tôda a nossa juventude e numerosos adultos também, pois os melhores sacerdotes estão nos campos e a atividade dos outros é cada dia mais restrita e os pais dos jovens nem sempre são capazes de responder de maneira satisfatória a tantos ataques contra a religião, aos quais não faltam aparência de verdade.

Não obstante, podemos dizer que a maior parte dos que simpatizam com o regime fazem-no momentaneamente, não por razões ideológicas, mas por razões sociais: porque o regime atual tornou acessível às grandes massas as riquezas antes reservadas exclusivamente aos ricos.

7. A ditadura política.

Seria incompleta nossa explicação sôbre a educação do homem comunista, se não disséssemos umas palavras sôbre a força da polícia comunista, que deve impor-se sobretudo onde fracassou o poder de persuasão da propaganda.

A imunidade e a independência dos juizes não existem. A maior parte dos juizes de profissão foi substituída pelos chamados "juizes do povo". São êles simples operários ou homens de instrução média que, depois de um curso de seis meses, convertem-se em juizes. Tais "juizes" exercem praticamente o poder executivo do partido comunista nos tribunais. Para os casos, porém, de maior gravidade, apelam, ainda por costume, aos juizes profissionais, que dirigem aparentemente o processo, não tendo, em geral, nenhuma influência sôbre o veredito, particularmente quando se trata de adversários políticos ou ideológicos importantes.

Os advogados são atualmente funcionários do Estado. É o Estado (ou o tribunal do Estado) que impõe seu advogado. O dever do advogado defensor já não é defender o acusado, mas ajudar o juiz a estabelecer a culpabilidade de seu cliente.

Todo aquêle que é levado a um tribunal público está, geralmente, condenado de antemão, porque não é citado perante a justiça senão aquêle a que querem condenar. Praticamente, tôda a defesa contra a acusação é impossível e tôda a apelação contra a sentença, inútil.

O inquérito judiciário é um dos capítulos mais terríveis da ditadura política. Normalmente, mesmo os maiores criminosos têm tanto orgulho pessoal que negam sua culpabilidade. Mas aqui, os acusados confessam, em geral, imediatamente, tôdas as coisas de que são acusados, como se experimentassem prazer especial em dizer o maior

mal possível contra si mesmos. Pedem ainda uma pena severa a fim de terem tempo suficiente, dizem êles, para corrigir seus defeitos e expiar as injustiças cometidas contra os trabalhadores. Assim terminam quase todos os processos políticos. Aqui, talvez, o refinamento e a malícia do homem tenham atingido seu apogeu: sabem fazer do adversário uma criatura desprovida de personalidade humana.

A polícia não é, em nosso país, um organismo que tutela e assegura os direitos pessoais e constitucionais do cidadão, mas antes o instrumento que mantém o regime no poder. O número e o poder dos polícias são consideráveis. O verdadeiro baluarte do regime são os agentes secretos. Pululam em tôdas as partes. Muitas vezes representam o papel de agentes provocadores. Penetram até mesmo nas celas dos sacerdotes, fazendo-os crer que também são prisioneiros a fim de conhecer seus segredos. Os guardas e os polícias de uniformes são apenas órgãos executivos dos agentes secretos.

Na ditadura, cada cidadão tem o dever de ser agente de polícia. A lei ordena-lhe denunciar tôda a ação suspeita, tôda a *"atividade contra o Estado"*. Se não o faz, torna-se a si mesmo culpável de cumplicidade. Exortam a todos os cidadãos, em particular os membros do partido, a observar seus concidadãos e denunciar a quantos forem tidos por elementos suspeitos. Não há muito, foram instaladas nos postos de polícia caixas especiais para facilitar a denúncia. Nessas caixas está escrito: "Cidadão, o que deves dizer à Segurança Nacional!"

CAPÍTULO IV.

COMO OS COMUNISTAS QUEBRARAM A UNIDADE DO CLERO

1. A infiltração comunista na administração eclesiástica. Reação de nossos Bispos.

O comunismo aprendeu, por experiência, que nunca poderá aniquilar a religião por meio de um ataque direto, pela força física. Na URSS, depois de trinta anos de perseguições, viu-se êle obrigado a recuar e tornar a abrir as igrejas (fechadas) às multidões que desde logo nelas se reuniram pressurosas. O comunismo vê que a perseguição aberta não suprime a religião, mas somente suas manifestações públicas, externas. Mas a fé perdura nos corações dos homens, propaga-se secretamente. Com uma perseguição aberta arranca-se a religião da vida pública, jogando-a às catacumbas. Mas é precisamente isso que o comunismo não quer: teme até a obsessão todo o movimento e tôda a manifestação social que não esteja controlada por seus órgãos oficiais.

Prefere atualmente, por esta mesma razão, outro método: em vez de fechar as igrejas, restaura-as ou constrói outras. Mas quer desintegrar o espírito da Igreja. Quer decompor a vida inteira dos

fiéis e a organização da Igreja. Sabe que se o lograr, a Igreja desmoronará como um edifício de vigas devoradas pelos cupins. O comunismo quer que os fiéis abandonem espontaneamente as igrejas e que eles mesmos peçam seu fechamento. Como o comunismo não admite o sobrenatural, vê a força da Igreja, como já dissemos, na sua organização. E' por conseguinte esta organização que êle quer submeter a seu domínio para decompô-la lentamente. Propõem atingir esta meta introduzindo o fermento da divisão na vida interior da Igreja: "Divide et impera". Evita fazer mártires — isto robustece a fé dos fiéis — seus procedimentos são mais psicológicos.

O comunismo não logrou dividir a Igreja no terreno religioso. Os católicos permaneceram fiéis à sua fé. As próprias tentativas para suscitar um cisma (a famosa "Ação Católica" organizada em 1949 pelos comunistas!) resultaram estéréis. Por isso, o regime quer dividir especialmente o clero, no plano político, social e cívico. Eis aqui a razão por que o regime coloca continuamente o nosso clero diante de novos problemas sociais e cívicos. Nesse terreno que não toca diretamente a fé, a opinião do clero divide-se mais facilmente. Uns pensam poder ir mais longe que outros na colaboração que o regime exige formalmente dêles. Aquêles que colaboram (inicialmente não exigem senão pequeninas coisas) são exaltados pelo regime como sacerdotes exemplares, patriotas, etc... Os intransigentes são declarados inimigos do povo e, por conseguinte, inimigos também da religião — por isso liquidam-nos. Eliminam desta maneira os sacerdotes os mais dignos.

O regime vai pouco a pouco aumentando suas exigências e pede ao clero uma colaboração mais estrita. Por êste meio obtém dois resultados: pode eliminar sucessivamente os melhores sacerdotes que sobrevivem (aquêles que em consciência não se sentem autorizados a colaborar tão estreitamente) e vai apertando cada vez mais os outros de sua atividade sacerdotal para ocupá-los mais e mais na atividade social e econômica.

Vemos claramente, no caso da Igreja patriarcal de Moscou, até aonde esta colaboração pode conduzir; como a hierarquia e o clero de uma Igreja podem chegar a ser o instrumento dócil da propaganda comunista.

Para submeter sob contrôlo a administração da Igreja e conseguir a divisão do clero, o Governo criou o Ofício do Estado para os Assuntos Eclesiásticos. Mas esta instituição teria sido ineficaz se os comunistas não tivessem conseguido colocar seus cúmplices na própria direção das dioceses, pois os bispos permaneceram intransigentes e unidos. Por isso o Ofício do Estado para os Assuntos Eclesiásticos nomeou Vigários Gerais e Vigários Capitulares, escolhidos entre os "padres patriotas", aos quais confiou a direção das dioceses, enquanto submetia os Bispos à residência vigiada.

A direção da diocese encontrou-se, assim, confiada a sacerdotes conhecidos como menos intransigentes que os bispos. Os bispos foram praticamente eliminados da administração das suas dioceses e vigiados severamente. Não tiveram mais contacto direto entre si, nem mesmo com o clero ou com seus fiéis. Sob tais condições, começou o regime a exercer pérfida pressão sobre cada bispo, individualmente, a fim de conquistá-los e atraí-los a uma colaboração amigável em proveito da Igreja e do Estado. Não exigiu muito: bastava, antes de tudo, aceitar tácitamente as determinações do Ofício do Estado para os Assuntos Eclesiásticos, a fim de que os fiéis pudessem ter a impressão de que o Estado exerce a política eclesiástica "em nome dos Bispos".

Por outro lado, prometia-lhes a liberdade pessoal, a libertação dos religiosos e certas liberdades para a Igreja. Parte dos bispos, sem conhecer bem a situação e, ignorando o parecer dos outros bispos, consentiu em certa colaboração, prestando juramento de lealdade cívica. O regime, naturalmente, não cumpriu as promessas feitas aos bispos, mas obteve o resultado almejado: dividiu o episcopado perante a opinião pública, porquanto outra parte negou-se a prestar tal juramento.

O regime intencionava evitar o encarceramento de todo o episcopado, pois, se assim procedesse, a perseguição religiosa apareceria demasiado evidente. Hoje, o regime pode afirmar que os bispos presos o são por razões políticas, enquanto permanecem livres os que são leais ao regime. Toda esta sua liberdade pessoal e toda a liberdade do exercício de seus poderes episcopais, porém, consiste nisso podem aparecer em público — ou mesmo, ser mostrados — em certas ocasiões solenes (em crismas, missas pontificais, ordenações sacerdotais, etc.). Desta maneira, o povo e o estrangeiro têm a impressão de que os bispos são livres. Mas bastaria querer aproximar-se deles para verificar que em bem pouco consiste esta liberdade! Realmente, são sempre escoltados por agentes secretos, sem a permissão dos quais não é possível qualquer aproximação. E mesmo que se obtenha tal licença, o agente secreto assiste à entrevista.

O primeiro que os comunistas quiseram ganhar para sua causa foi S. Excia. X. Este prelado é de temperamento delicado; possui a bela qualidade de se mostrar sempre afável com todos, mesmo com seus adversários. Talvez por isso, os comunistas pensaram que simpatizaria com eles. Deixaram-no assim livre, mesmo quando todos os outros bispos eram vigiados rigorosamente. É verdade que o Ofício do Estado enviou à sua Cúria Episcopal um plenipotenciário do Estado para os Assuntos Eclesiásticos, com ordens de não restringir demasiado a liberdade do bispo.

Na véspera do Natal de 1950, o comissário dos Assuntos Eclesiásticos convocou a S. Excia.. Muito bem recebido. Apresentando a

princípio as melhores disposições, fêz-lhe o comissário a seguinte proposição:

— Refletimos, Excia., sobre vossa pobreza, já que V. Excia. não percebe subscrição alguma. Por êste motivo, permitimo-nos oferecer-lhe pequeno presente de Natal.

E apresentou-lhe um volumoso maço de cheques de Banco.

O bispo fitou o comissário nos olhos e perguntou-lhe um tanto sorridente:

— Senhor comissário, isto seria, sem dúvida, o dinheiro de Judas, não é verdade? Agradeço muito sua gentileza; creio, porém, que há gente mais necessitada do que eu; êles, mais do que eu, têm necessidade de dinheiro.

O comissário insistiu, todavia, com o bispo para que aceitasse a quantia oferecida:

— Excia., se não quer o dinheiro para si, queira aceitá-lo ao menos para sua diocese, para a restauração de suas igrejas.

— Muito obrigado, senhor comissário, mas é o Estado que agora se encarrega da restauração das igrejas. Podeis doar esta soma diretamente ao Estado para êsse fim.

Com isso se separam muito amigos; mas poucas semanas depois desta entrevista, o bispo foi submetido a uma inspeção extremamente rigorosa. Depois disto, não foi mais possível estabelecer contacto algum com êle.

2. A desintegração do clero.

A propaganda comunista fala continuamente do “alto” e do “baixo” clero, dos sacerdotes ricos e dos padres pobres. Lutou contra os primeiros e tomou sob sua proteção os outros. Os comunistas intentaram, desta maneira, introduzir a luta de classes entre o clero, — embora sem êxito algum.

A “Ação Católica”, organizada pelos comunistas em 1949, foi também uma tentativa para separar os fiéis e o clero dos bispos “que não têm compreensão para as necessidades do povo “crente”. Esta tentativa também fracassou. Quando todos os bispos foram presos ou ficaram em liberdade vigiada, os comunistas divulgaram entre o clero a rumorosa notícia de que os bispos haviam impossibilitado o compromisso. Isso prova, afirmavam êles, que os bispos não estão à altura... que não são assaz clarividentes...

Tôda esta campanha foi levantada pelos sacerdotes ditos “patriotas”. Queriam convencer seus colegas de que, nas circunstâncias atuais, não se pode salvar a Igreja e a Religião senão por meio de um compromisso amistoso com o Estado, por meio de certo “modus vivendi”.

A princípio eram poucos estes sacerdotes patriotas. Pouco a pouco, porém, seu número foi aumentando. Alguns começaram a crer que o comunismo é capaz de certa tolerância com a religião: “Esperávamos a perseguição sangrenta, o fechamento das igrejas, e eis que nada disso sucedeu. Quer-nos parecer que o comunismo não persegue mais a religião de maneira cruenta. Não persegue senão aos que se lhe opõem. Não lhes resistamos, que assim também não ficará contra nós”. (Quem conhece a tática comunista compreenderá o erro desses padres, pois o comunismo condena sempre os fatores religiosos sob a capa de pretextos políticos).

Os comunistas não exigem de nossos sacerdotes que reneguem sua fé; tão pouco lhes exigem que aceitem ou propaguem a ideologia comunista, mas obrigam-nos a aceitar a sua sociologia, assim como as leis políticas do regime. Enfim, o comunismo não os força a entrar no Partido. Não lhes pede, sobretudo a princípio, senão pequenas concessões com as quais não parecem arriscar o perigo de prisão.

Com estranha rapidez consentiram nesta colaboração os padres que gostavam de uma vida confortável. Para não renunciar a seu conforto, aceitaram “insignificantes concessões que em nada se opõem à fé”. “Fidem non negavi” — assim se justificava um padre perante seu confrade que lhe censurava a frouxidão.

Os padres amigos de soluções mais amplas e benignas pensaram também, com inteira boa fé, que era preferível ceder em parte, do que fazer-se encarcerar por ninharias.

Outros submetiam-se somente após ter experimentado, durante um tempo mais ou menos longo, os cárceres e os campos de concentração. Seu modo de pensar era o seguinte: Seremos mais úteis a nossos fiéis estando livres mesmo a preço de pequeno compromisso.

Hoje, todo o sacerdote vive à sombra do cárcere, porque é impossível evitar o conflito com as leis iníquas e as decisões do Ofício do Estado para os Assuntos Eclesiásticos, que limitam os direitos da Igreja e a atividade sacerdotal. E' verdade que os padres procuram não se opor abertamente a estas decisões. Infelizmente, graças à organização de seu serviço secreto, o regime espiona em todos os cantos; seus agentes anotam cuidadosamente o dia e mesmo a hora em que os padres cometem seus “crimes”. E quando chega o momento oportuno, abrindo o fichário, lembram ao padre: “Há algumas coisas contra ti”. Quase sempre, o prêso queda-se estupefato e inteiramente deprimido durante o inquérito judicial, ao verificar com que exatidão conhecem as “transgressões”. Pensa que sabem tudo e que seria inútil ocultar alguma coisa, por isso confessa tudo, fatos mesmo que os juizes de instrução ignoravam por completo. Em si, são coisas, as mais das vezes insignificantes, mas os comunistas são mestres consumados no exagêro.

Desta maneira centenas e centenas de sacerdotes jazem nas prisões. O regime não tem interesse em retê-los aí. Pretende unicamente quebrar-lhes a resistência. Por esta razão oferece-lhes a liberdade, com a condição de colaborarem com o regime. Frequentemente propõe ao detido o dilema: um processo político ou a liberdade sob a condição de... Algumas vezes o Presidente da República concede ampla anistia a centenas de padres presos, exigindo-lhes a promessa de respeitarem as leis do Estado concernentes à Igreja. Sacerdotes há, postos em liberdade, graças à intervenção de amigos ou de "padres patriotas". Nesse caso, aquele que intervém torna-se responsável pela conduta futura de seu protegido: torna-se o seu tutor espiritual...

3. A tática comunista a respeito dos religiosos.

Quase todos os religiosos foram deportados na noite de 13-14 de abril de 1950 e concentrados em alguns conventos transformados numa espécie de campo de concentração. Os superiores de todas as Ordens e Congregações Religiosas foram, desde o princípio, proscritos num convento de concentração especial. Os religiosos viviam, pois, nos conventos de concentração, separadas as Ordens Religiosas tidas como mais perigosas que outras. Assim deportaram os jesuítas a um convento de concentração à parte. A seguir foram transferidos para o convento de concentração comum, separados, porém, rigorosamente dos demais, por um muro. Chegaram mesmo a pintar os vidros através dos quais os jesuítas e os demais religiosos podiam ver-se.

Desde o primeiro momento intentaram introduzir a "luta de classe" entre os religiosos, isto é, entre os sacerdotes de um lado e os estudantes ou irmãos coadjutores de outro.

Os dirigentes dos campos manifestavam aos noviços, aos estudantes e aos irmãos coadjutores sua compaixão, como se tivessem sido enganados: "Entrastes jovens demais no convento e fostes mantidos debaixo da pressão e do influxo contínuo de vossos superiores. A escolha de vossa vocação não foi, portanto, livre. Agora nós vos devolvemos a liberdade: podeis escolher a vocação que mais vos agrada, sem medo de vossos superiores...". Graças a Deus, estas manobras fracassaram por completo: quase ninguém — sem exceção os noviços — aproveitou-se desta "liberdade" oferecida.

Intencionavam por outro lado atrair os religiosos sacerdotes com ofertas de paróquias. Garantiam-lhes ser este o desejo dos bispos e que centenas de religiosos já usufruíam dessa oferta.

Mas a condição "sine qua non" para sair do convento de concentração era a assinatura de uma declaração pela qual diziam querer abandonar a Ordem: somente assim — ao menos inicialmente — os padres religiosos podiam tomar a direção das paróquias; de igual

modo, sob esta única solução, os escolásticos e os irmãos coadjutores podiam ingressar no Seminário ou escolher outra profissão ou ofício.

Maiores esmagadora de religiões não aceitou a direção das paróquias. Não queriam escandalizar os fiéis que interpretariam a aceitação das paróquias como uma fraqueza. Além do mais, não queriam dar ao regime prétexto para encarcerar os sacerdotes diocesanos e concentrá-los num campo de reeducação. (O regime não quer deixar as paróquias sem vigários, o que revoltaria os fiéis. Ora, se os religiosos "libertos" graças à "magnanimidade" do regime fossem para as paróquias, a concentração e a "reeducação" dos padres diocesanos seriam mais facilmente realizáveis).

Mais tarde permitiram aos religiosos aceitar a direção de paróquias sem condição alguma, mas somente àqueles de quem se podia esperar que não seriam demasiadamente "perigosos".

Entre os escolásticos, quase nenhum aceitou as condições propostas. Por esta razão foram todos convocados ao serviço militar. Somente os enfermos puderam ir para suas casas.

Os noviços e os escolásticos desmaiado jovens não assinaram tão pouco a declaração de querer abandonar a Ordem religiosa: foram, por isso, entregues aos grupos de trabalho de dois meses, e tiveram que se submeter também a um curso de reeducação. Quando perceberam que todos estes meios eram inúteis reenviaram-nos aos pais...

Os irmãos coadjutores mantiveram-se também intransigentes por essa razão, tiveram que trabalhar como operários.

4. Consequências da desunião do clero.

a) *Entre fiéis.* — Os resultados foram terríveis. Foi uma espécie de desvalorização da pessoa do sacerdote. Até então, em nosso país, o sacerdote era para a maioria dos fiéis, sobretudo no campo, uma pessoa verdadeiramente sagrada. Os fiéis defendiam seus sacerdotes, protegiam-nos dia e noite contra os ataques da polícia. Centenas deles perderam seus bens e sua liberdade e alguns até a própria vida resguardando a dos sacerdotes.

E agora que decepção! Vêm padres trouxos, tidos como infelizes, colaborando com os comunistas. Antes, o padre era o primeiro a lutar contra o regime, indigitando-o como o maior inimigo da religião e da humanidade. E agora, este padre vendido, colabora com o comunismo. Desta maneira a desconfiança dos fiéis com respeito ao comunismo estendeu-se a esses padres que pareciam trabalhar com o regime. O povo fiel, principalmente do interior, evitava tais padres, não queria frequentar suas igrejas, nem receber os sacramentos de suas mãos... Começaram a criticar os padres. E, não poucas vezes — ao menos no começo — tal crítica foi demasiado severa e injusta.

Condenavam os inocentes com os culpados. Bastava que um padre prêso fôsse pôsto em liberdade (sem havê-la solicitado ou comprado a preço de qualquer compromisso), para que o povo o marcasse como suspeito. Como é possível — pensavam — que os outros permanecessem ainda em prisão, ao passo que este foi pôsto em liberdade? Certamente comprometeu-se com alguma coisa!

Quando um padre era transferido de uma paróquia para outra, os paroquianos também admitiam-no com desconfiança porque, em geral, seu predecessor fôra zeloso, exemplar e influente. Fôra transferido para reprimir-lhe o influxo. Agora, pensavam os fiéis, aquêle que os comunistas nos enviam é um “padre patriota”. Embora frequentemente a realidade fôsse outra: o novo sacerdote fôra mudado pelas mesmas razões que seu predecessor.

O povo aprecia os padres e julga-os, tomando como norma os mais intransigentes. Por exemplo, se todos os padres tivessem tomado parte nas turmas de trabalho, os cristãos não se teriam escandalizado. Mas quando vêem que certos sacerdotes se negam a ir, pensam que tal colaboração do clero nesses trabalhos é inadmissível e que os padres que dêles participam são covardes, quer dizer, infiéis à Igreja.

O escândalo dos fiéis não teria sido tão grande se todos os religiosos deportados tivessem aceito as paróquias, mas como a maior parte preferiu a prisão, os que consentiram em ir para as paróquias foram considerados, pelo povo, como traidores: “certamente se comprometeram”, diziam. Religiosos houve que afirmaram sob juramento, na cátedra da verdade, não haver assinado nada para conseguir sua liberdade. Tudo foi em vão. O povo não acreditou em suas palavras. “Por que então os outros religiosos não foram postos em liberdade e enviados às paróquias?” — replicavam os paroquianos.

A maior desilusão causou-a a aceitação de certo compromisso por parte de alguns de nossos bispos. O povo negou-se a assistir à celebração de sua missa e não consentiu que seus filhos recebessem dêles o Sacramento da Confirmação. Reprovavam mesmo os sacerdotes que se comunicavam com tais bispos.

Sem dúvida, a opinião pública é agora mais indulgente, mais confiante com respeito a seus bispos, mas não de todo.

Ainda aqui, não é precisamente o compromisso que censuram aos bispos, porém insistem em perguntar por que os outros bispos não o assinaram. E esse foi o critério para julgar este acontecimento.

b) *Entre o clero.* — Se a força da Igreja consistisse unicamente na organização externa, poder-se-ia afirmar que o regime logrou dominar a Igreja: porque no presente, não há, em nosso país, organização eclesiástica independente. Tudo está dirigido e inspecionado pelo Estado.

As dioceses são dirigidas — em lugar dos bispos internados ou encarcerados — por vigários gerais ou capitulares. Estes vigários são direta ou indiretamente escolhidos pelo regime. Lá onde o bispo rege ainda teoricamente a sua diocese, praticamente, embora não exclusivamente, é o Ofício do Estado quem a governa. É este Ofício que propõe as transferências dos párocos e coadjutores e que redige as próprias Cartas Pastorais. O bispo outra coisa não tem a fazer que dar seu consentimento para que a ação seja válida. Mas se o bispo está ainda em “liberdade”, há mais garantias que, se se tratar de coisa importante, ele resistirá. Tratando-se de vigários gerais impostos pelo regime, esta segurança é mais fraca.

O mais grave foi o regime ter logrado quebrar a união interna, a concórdia entre o clero. Os padres patriotas opõem-se aos sacerdotes que se negam a colaborar com o regime. Censuram-nos por não quererem admitir a necessidade, ditada pelas circunstâncias, de se adaptar. Em resposta, estes últimos acusam os padres patriotas de traição a uma missão. Desta maneira, o sacerdote não tem mais confiança em seu irmão de sacerdócio.

Do mesmo modo, os “padres patriotas” e os religiosos que aceitam as paróquias acusam os religiosos que se negaram a fazê-lo, por ter escolhido o caminho fácil, declinando toda a responsabilidade.

“O padre patriota Z” disse aos seminaristas aos quais queria persuadir que entrassem no Seminário do Estado, mas que preferiam ir antes aos trabalhos forçados do que a esse Seminário: “Vós sentistes a vocação quando isto significava honras e uma vida tranquila e confortável; mas agora que ser sacerdote significa trabalhar assiduamente para o povo, declinais esta responsabilidade e atraíeis vossa vocação, atraíeis a Igreja e vosso Deus”.

c) *Os religiosos*. — Externamente, as Ordens e Congregações religiosas foram muito mais afetadas do que o clero diocesano. Não obstante, os religiosos, apesar de sua dispersão, estão mais unidos que o clero diocesano. Por quê? Os religiosos constituem com mais razão uma família, formam uma unidade de coração. E hoje, se bem que dispersos em todos os rincões da República e vivendo em condições mui diversas, os religiosos se sustentam mutuamente, interessando-se uns pelos outros.

Esta mesma união e este espírito de família conservou-se também entre as religiosas.

5. Que quer fazer o regime com a Igreja?

a) *A nacionalização da Igreja*. — O regime pretende primeiro laicizar e nacionalizar a Igreja para depois suprimi-la. Com a Igreja, pretende exterminar também a religião. Com esta finalidade criaram o Ofício do Estado para os Assuntos Eclesiásticos. A luta con-

tra a Igreja deve ser lenta, sorrateira, submetida a um plano minucioso. E' preciso liquidar a Igreja, porém sem muito ruído: deve extinguir-se muito lentamente. Por conseguinte, o regime quer simular que ajuda a Igreja, que a protege. Por isso restaura igrejas, subscrive meios de subsistência ao sacerdote, instala seminários...

O Ofício do Estado para Assuntos Eclesiásticos mantém representantes em cada distrito. E em cada paróquia coloca seus observadores que espionam os sacerdotes e os fiéis. Os espíões estudam a maneira de lutar contra sua atividade sem muito estardalhaço. Atentam principalmente em comprometer o sacerdote. Todo o meio, ou qualquer indício lhes é lícito. As vèzes conseguem descobrir faltas secretas do padre e, então, ameaçam denunciá-lo e armar um escândalo público se se nega a colaborar.

O Ofício do Estado para Assuntos Eclesiásticos encarrega-se de organizar tôdas as manifestações externas da vida religiosa. Para conservar a aparência de uma vida religiosa normal, este Ofício quer, por qualquer preço, garantir pelo menos as funções dominicais em cada paróquia. Por isso, querem que cada paróquia tenha no mínimo um sacerdote. Assim, no interior, a falta de sacerdotes não é tão sentida. Bem diversa é a situação nas cidades, pois a deportação dos religiosos criou grande vácuo. Além do mais, grande número de sacerdotes vivem nas prisões. Resultado: os padres da cidade, muito sobrecarregados, não podem satisfazer a tôdas as necessidades dos fiéis. E muitos desses padres se acham esgotados de forças físicas. Gracejam, dizendo que a prisão seria prazer para eles, um descanso mesmo...

O Ofício do Estado para Assuntos Eclesiásticos não se inquieta com a falta de padres, já que, para salvar as aparências de uma vida religiosa quase normal, lhe bastaria cêrca da quinta parte do número normal de sacerdotes do país. Um destacado funcionário do Ofício declarou certa ocasião: "Ser-nos-á suficiente — em caso de necessidade — ter alguns padres por distrito. Terão carros a sua disposição para poder atender a várias paróquias. Com este método, poder-se-ão assegurar as cerimônias eclesiásticas". (Conclusão: *racionamento* das cerimônias religiosas. Possivelmente, ainda nestas, chegariam a introduzir as *normas* e a *emulação socialista*!).

b) *A educação dos seminaristas.* — O Ofício do Estado para Assuntos Eclesiásticos desenvolve grande propaganda para assegurar adeptos aos Seminários do Estado. Envia circulares aos párcos — providas da assinatura do Ordinário — pedindo-lhes que enviem candidatos à Faculdade de Teologia. Para povoar esta Faculdade organizaram um curso especial de oito meses, para os candidatos que não têm instrução suficiente. Termina este curso com um exame *equivalente* ao bacharelado (matura). Passado este exame, podem matricular-se na Faculdade de Teologia.

Por que o regime comunista manifesta tanto cuidado pelo recrutamento sacerdotal? para ter sacerdotes à altura, isto é, que sejam instrumentos do regime, mais fáceis que seus predecessores. As intenções do regime aparecem claramente no fato de reterem centenas de seminaristas seculares e regulares no serviço militar por tempo mais longo do que o previsto pela lei, porquanto não os julga aptos para os fins que intenta.

c) *A tática das concessões.* — Muitos podem ser induzidos a erro acerca das verdadeiras intenções do regime comunista com respeito à Igreja, pelo fato de que, freqüentemente sobrevêm orientações novas na política religiosa comunista. Há períodos de repouso, de trégua aparente, que dão a impressão de que o regime renunciou executar seu programa religioso até seus detalhes; que se contenta com certos resultados obtidos e que não prosseguirá adiante no extermínio da Igreja e da religião.

Na realidade, porém, não se trata senão de uma pausa. Durante este período de calma relativa, o regime consolida as posições obtidas e prepara secretamente novo ataque.

Assim, até 1948, não ousaram empreender processos contra nossos bispos. Chegaram mesmo a por em liberdade quatro bispos encarcerados havia longo tempo. Repararam igrejas prejudicadas pela guerra e construíram outras. Em diversas ocasiões o governo proclamou suas boas intenções para com a Igreja; sempre, porém, com o fito de preparar, em paz, novos assaltos.

Quando eliminaram os religiosos, procederam de maneira brutal. Deportaram-nos durante a noite, concederam-lhes alguns minutos para se vestirem e tomarem as coisas mais necessárias. Ato contínuo, foram transportados pelos carros de polícia, severamente guarnecidos, sem lhes dizer para onde os conduziam. A viagem prolongou-se por longas horas. Os instrutores de reeducação receberam-nos com modos afáveis e, com sorriso complacente, explicaram as boas intenções do comunismo para com os religiosos.

Procedem do mesmo modo com os padres diocesanos. Aprisionam-nos, tratando-os ásperamente. Pouco depois concedem-lhes benévola-anistia. Essa tática é muito perigosa porque engendra ilusões e confusão. Os comunistas tomam com freqüência medidas extremamente severas, que provocam grande indignação entre o povo. Então o regime recua um passo e a revolta cessa. Na realidade, porém, o governo conseguiu seu fim. É como um comerciante que quer vender seu artigo por Cr\$ 200,00. Na primeira proposta pede Cr\$ 300,00. O cliente resiste. Por fim o comerciante baixa para Cr\$ 250,00. O freguês sai muito satisfeito por ter lucrado Cr\$ 50,00... e o comerciante também...

(A outra manobra consiste em dividir a atenção. No terreno político isto se manifestou de maneira surpreendente no "bloqueio

de Berlim". Deram os russos um espetáculo em Berlim para desviar a atenção da opinião pública do que estava sucedendo na China. Acreditava-se, então, que o centro de gravidade da política exterior da URSS era Berlim. Na verdade, estava na China. Outro objetivo não tinha o bloqueio de Berlim a não ser prender a atenção mundial... Quando a China ruiu, cessou também o bloqueio... E o mundo queudou-se com a impressão de que a URSS retrocedera...).

Se tivéssemos conhecido a tática comunista a tempo, teríamos evitado muitos passos em falso...

6. Os prognósticos.

E' certo que o comunismo não se dará por satisfeito com uma simples desorganização do clero ou com a simples colaboração deste no plano cívico e social.

Os relatores comunistas do Ofício do Estado para Assuntos Eclesiásticos visitam os padres; discutem com êles. O futuro do padre depende das informações que êstes oficiais apresentam ao Ofício do Estado. Os padres temem-no, pois oferecem-lhe um banquete... Em si nada de mal há nisto. O padre deve ser amável mesmo com seu adversário; deve fazer o possível para conquistá-lo e salvar sua alma.

Acontece, porém, que êsses informadores são cuidadosamente selecionados, especialmente instruídos e formados filosofica e psicologicamente, para conquistar o padre. Cabe-lhes a incumbência de tentar conhecer os pontos fracos dos padres, seus interesses, suas aspirações.

Devem conquistar, quanto possível, sua confiança e até mesmo a amizade.

A qualquer preço precisam evitar tudo o que poderia suscitar suspeitas sobre sua verdadeira missão.

Devem proceder com toda a calma, com paciência. A princípio, pedir apenas serviços leves, insignificantes concessões. Depois, pouco a pouco, aumentar as exigências...

E o padre está só, sem contacto livre com seus superiores. Sem exercícios espirituais nem retiros comuns. As circunstâncias alteram-se inteiramente e já não possui alguém que o sustente, o instrua, que lhe indique o caminho. Como responder a tantos ataques contra a Igreja e contra o clero e contra o Papa?

Os comunistas querem vencer o clero com promessas e ameaças. Se empurrassem os sacerdotes contra o muro para fuzilá-los porque defendem a fé, a maior parte dêles prontificaria-se a morrer. Mas pedem-lhes algo mais heróico e mais difícil: fazer profissão de sua fé e defendê-la em condições extremamente penosas e graves.

Quem perseverará até o fim nesta tremenda prova? Sem a graça de Deus, ninguém.

Organizam exercícios espirituais e retiros sacerdotais para socorrer espiritualmente os padres nestas difíceis circunstâncias. É verdade que os informadores comunistas do Ofício de Estado também tomam parte nêles. Mas, apesar disso, os exercícios e os retiros consolidam a vida espiritual do clero e confortam-no.

Que rumo tomará o presente estado de coisas? É difícil responder. O alvo do comunismo é claro. O caminho para consegui-lo não é direto, mas, como dizem os comunistas, está sujeito à lei da dialética, quer dizer, das circunstâncias freqüentemente contraditórias. Os comunistas são bons psicólogos. Perscrutam a opinião pública, a opinião mundial, e operam em consequência. Seu objetivo último é o comunismo mundial. A luta contra a religião está subordinada a êsse fim. Se os dirigentes comunistas crêem, portanto, conveniente para o progresso do comunismo conceder uma liberdade religiosa temporária, não duvidam em fazê-lo.

Isso explica também por que a luta contra a Igreja não é a mesma em todos os países de democracia popular; as circunstâncias variam de país a país. Suprimir a Igreja, ao mesmo tempo, em todos os países causaria demasiado rumor. Mister se faz proceder com métodos. Dar o golpe à Igreja num país e informar a opinião universal sobre a "liberdade religiosa exemplar" na Polônia. Com isto crerão os ingênuos que o comunismo não é inimigo da religião. Se põe a mão sobre os pastores de um país, é unicamente porque se intrometem na política.

O último golpe contra a Igreja e religião, os comunistas reservam para o tempo de uma vitória eventual do comunismo no mundo. Até então, saberão ter paciência.

Estamos, entretanto, firmemente persuadidos de que os comunistas encontrarão decepções amargas nesse combate à Igreja, apesar de sua sagacidade. Por quê? Porque sua apreciação a respeito da Igreja é falsa: não vêem na Igreja mais que fatores naturais. Toda a força sobrenatural da Igreja passa-lhes completamente inadvertida.

Apesar de uma luta encarniçada e total, os comunistas não conseguiram matar a Igreja da URSS, não obstante tratar-se de uma Igreja debilitada por sua longa separação da única Igreja de Cristo. Maior resistência encontrarão em destruir a nossa Igreja. Sem embargo, podem causar muito mal, de modo particular na juventude.

EXAME DE CONSCIÊNCIA

Depois da deportação e da reclusão de todos os religiosos a 13 de abril de 1950, acostumamo-nos a refletir, a analisar em comum nossa atividade religiosa dos tempos passados, a situação religiosa atual de nosso país, assim como as perspectivas para o futuro.

Perguntamo-nos, sobretudo, quais foram as causas de nosso desastre e o que deveríamos fazer hoje e amanhã.

Foi um verdadeiro exame de consciência em comum.

Tínhamos, para isso, tempo em abundância, porque durante mais de seis meses deixaram-nos sem ocupação regular, na esperança de que, assim, chegaríamos a arrepender-nos e assinaríamos uma declaração pela qual daríamos a conhecer nossa decisão de abandonar nossa Ordem.

Permito-me resumir neste capítulo as idéias dominantes e as conclusões mais importantes de nossas reflexões.

1. A situação.

1º Os bispos foram internados ou encarcerados. A grande número de sacerdotes coube a mesma sorte; tôdas as Ordens ou Congregações foram supressas. As relações com a Santa Sé bloqueadas e qualquer contacto com ela quase impossível. A imprensa católica e as escolas livres aniquiladas; dissolvidas as organizações religiosas. Tôda a manifestação da vida religiosa é controlada. O regime ingere-se nos Assuntos Eclesiásticos. Sustentam uma propaganda intensa em prol do materialismo ateu, que é a doutrina oficial de tôdas as escolas, enquanto a atividade da Igreja vive limitadíssima, paralisada ou impossibilitada pelo regime.

2º A unidade moral — a unanimidade e a concórdia — da hierarquia e do clero fôra vulnerada.

3º A confiança dos fiéis no clero mostra-se abalada, em parte sob a influência da propaganda comunista, em parte por causa dos *padres patriotas*, cuja atitude escandaliza-os.

4º A instrução e a vida religiosa tornam-se cada vês mais difíceis. A propaganda comunista supera, com triunfos crescentes, principalmente entre os jovens, primeiro no terreno social, depois — por êste caminho — sôbre o plano ideológico.

2. Nossa falha.

1º *Não estávamos preparados.* — O comunismo imperou em nosso país pela violência e com a cumplicidade de uma força exterior demasiado grande para que pudéssemos impedir a realização

de seus planos. Dada a situação internacional — cuja evolução não dependia de nós — nossa posição geográfica e os pactos internacionais que dividiam o mundo em “zonas de influência”, nossa sorte estava fixada de antemão, sem que houvessem pedido nosso parecer.

Entretanto, se tivéssemos feito preparativos necessários, teríamos, sem dúvida, podido retardar e tornar menos eficaz a ação do comunismo contra a Igr-ja.

Não conhecíamos suficientemente a tática comunista. Esperávamos uma perseguição violenta, o fechamento das Igrejas, a proibição formal de crer em Deus e de rezar, os assassinatos em massa dos sacerdotes...

Pois bem, nada disto sucedeu. Somente muito tarde compreendemos que os comunistas querem fazer-nos perder a fé solapadamente; crêem que virá o dia em que nós mesmos abandonaremos nossas Igrejas e pediremos às autoridades que as fechem. Não havíamos pensado que os comunistas queriam penetrar nas nossas próprias fileiras; que queriam primeiro dividir-nos na vida civil — a atitude para com o regime — para subjugar-nos, em seguida, na vida religiosa.

Subestimamos o comunismo. Contamos com seu fracasso imediato. Eis por que não estávamos preparados. Pensávamos que o comunismo era um sistema tão estúpido que não valia a pena preocupar-nos seriamente com ele. Eis por que menosprezamos seus sucessos, por que sua doutrina e principalmente sua prática nos eram pouco conhecidas. Eis por que não nos preparamos, nem a nós mesmos, nem a nossos fiéis, para uma luta séria e adaptada contra o comunismo. E' esta uma das razões principais de nossas derrotas.

Nossa luta contra o comunismo consistiu, na maior parte dos casos, numa condenação global: apresentamo-lo aos nossos fiéis como um dos maiores males morais e sociais, como o maior flagelo do nosso tempo. Embora seja isso verdade, esquecemo-nos de que o comunismo — como todo o sistema errôneo que obtém grande sucesso — deve ter também seus lados atraentes (*malum est appetibile sub specie boni*), suas parcelas de verdade. Quando os fiéis, principalmente os estudantes, os cultos, os intelectuais, vinham com suas dúvidas e problemas a respeito do comunismo, muitos de nós dávamos esta resposta estereotipada: “E' uma asneira que não merece ser levada a sério. E' preciso desprezá-la como tentação diabólica!”

Foi isso que fizemos enquanto os comunistas enviavam seus agentes a cada fábrica, a cada oficina, mantendo contacto com todos os meios, disseminando por tôdas as partes suas idéias, tratando dos problemas mais atuais, respondendo às perguntas formuladas, de maneira compreensível e adaptada ao público a que se dirigiam.

Em face dessa tática, as proibições formais e as condenações sumárias são insuficientes. Quando o comunismo se instalou entre nós e conseguiu certos sucessos reais no plano social, a atitude ne-

gativa dos fiéis e mesmo de alguns padres foi fortemente abalada, porque ignoravam o comunismo. Porque só esperavam dele coisas negativas, porque acreditavam no seu fracasso pronto e total... e o comunismo não chegou tal qual o tínhamos apresentado a nossos fiéis. E isso, por causa de nossa própria ignorância. Há pessoas que agora acreditam mais nos comunistas do que em nossas palavras. Aderiram às idéias comunistas ou não crêm mais que o comunismo seja inimigo da religião.

Muitos padres, depois dos cursos de reeducação organizados pelos comunistas e aos quais foram obrigados a assistir, declararam: Sòmente agora é que conhecemos o comunismo, que sabemos por que é êle perigoso para nós e como podemos defender-nos contra êle. Por isso, uma das primeiras coisas que fizemos, no convento de concentração, foi o estudo aprofundado do comunismo.

Não é preciso dizer que a razão mais profunda dos sucessos comunistas são as injustiças sociais existentes no mundo. Na medida em que não lutamos contra essas injustiças, facilitamos os sucessos comunistas. Qualquer medida contra o comunismo permanecerá ineficaz, enquanto persistirem as flagrantes injustiças sociais.

2º Não estávamos suficientemente unidos. — Vivíamos no passado muito divididos no plano político, nacional, etc. As ordens religiosas rivalizavam entre si. Cada qual tinha seu método e seu campo de atividade, mas pouco nos preocupávamos em coordenar todos êsses esforços dispersos mais urgentes. Assim, em certos lugares e para certos trabalhos, havia muitos padres, enquanto em outros campos de apostolado, talvez mais atuais, faltavam os operários.

Coisa ao mesmo tempo irônica e trágica: foram os comunistas que nos ensinaram a deliberar e a trabalhar em comum, colocando-nos juntos em um convento de concentração. Sòmente então compreendemos quanto tínhamos perdido por falta de colaboração e de coordenação em nossos trabalhos. Se tivéssemos colaborado fraternalmente, teríamos podido estar mais unidos agora. Hoje, quando o comunismo semeia, de propósito deliberado, a cizânia, a discórdia entre nós, esta falta de unidade faz-se sentir cruelmente. E é sobretudo agora que o clero deveria agir unânime.

Seria desejável sacrificar até mesmo esta liberdade legítima que permite a moral cristã — as soluções mais rígidas ou mais largas — por causa das conclusões que os comunistas tiram das diferentes reações do clero em face de casos idênticos de consciência, provocados pelo regime comunista. Estas diferentes reações, isto é, a atitude mais rigorosa ou mais larga — seriam em si admissíveis se não ultrapassassem certos limites. Mas como os comunistas as exploram para seus fins — como acima dissemos — é ao menos um erro de tática com conseqüências particularmente dolorosas.

É verdade que a unidade de ação é praticamente impossível sem reuniões e deliberações em comum. Hoje, infelizmente, a liberdade de reunir-se não existe entre nós. Por isso, nosso clero encontra-se numa situação por demais delicada. O regime isolou, quase completamente, cada padre de seus superiores e de seus irmãos. E neste abandono, quase completo, têm que atuar em circunstâncias até hoje nunca experimentadas, e resolver por si, e para seus fiéis, casos de consciência, para cuja solução não estão nem teórica nem praticamente preparados e cujas conseqüências são também graves.

Como o regime não exige diretamente atos contra a fé, mas coisas que parecem pertencer mais à ordem social, econômica, política ou civil — participação das turmas de trabalho, condenação da guerra da Coréia, condenação das armas atômicas, etc., etc. . . — cria-se facilmente no sacerdote a impressão de que, resistindo a estas exigências, não sofre por Deus nem pela religião, mas por coisas profanas. Não têm consciência de ser um mártir da fé, antes experimenta um complexo de culpabilidade cívica. O sacerdote, no qual a propaganda comunista logrou criar complexo, já não possui aquela força interior, o heroísmo que dêle as circunstâncias exigem. Vale isso particularmente para aqueles sacerdotes que anteriormente tiveram uma posição política ou econômica vantajosa, e que não podem dizer-se a si mesmos que agora sofrem unicamente pelo cumprimento de seus deveres sacerdotais.

Desmoraliza-se também o padre, se, a princípio, se mostra muito radical e intransigente e, se mais tarde, quando aumenta a pressão por parte do regime, cede bruscamente. Seria talvez mais prudente escolher um caminho intermediário, porém sem vacilações. Para seguir tal caminho, entretanto, preciso seria conhecer a fundo o comunismo e sua tática; seria mister, principalmente, haver sacerdotes realmente dispostos a sacrificar tudo, inclusive a própria vida, antes que servir a dois senhores.

3. Fomos negligentes para com os fiéis.

a) *Filhas na educação.* — Nossos fiéis freqüentavam as igrejas e os sacramentos. Mas sua fé não era bastante interior, bastante profunda. Essa fé era boa para os tempos tranquilos, mas não para uma provação dura como esta.

Não pregávamos bastante o Evangelho de maneira compreensível para todos. Nossa vida pública e privada, nossas instituições não estavam suficientemente penetradas de seu espírito.

Não formávamos os fiéis para uma concepção de vida (*Weltanschauung*) sólida e completa, como fazem agora os comunistas. Os conhecimentos religiosos de nossos fiéis permaneceram freqüentemente no nível da infância enquanto seus conhecimentos científicos

se aprofundavam sem cessar. Eis por que não sabem agora resolver os aparentes conflitos entre ciência e fé. Isso é extremamente grave nas circunstâncias atuais, quando o padre não tem livre acesso junto aos fiéis e quando uma propaganda bem organizada dissemina sistematicamente idéias erradas a respeito da religião e da Igreja.

Pregávamos, muitas vezes, sobre as exigências morais do cristianismo, mas não explicávamos suficientemente o que o cristianismo é, e o que nos dá. Por causa disso, nossa religião podia parecer a muitos fiéis antes um simples código de leis do que uma adesão vital a Jesus Cristo. Hoje, quando o simples fato de ser cristão exige de nós grandes sacrifícios, permanecer fiel é difícil a quem não compreendeu e não experimentou os esplendores internos do cristianismo; a quem, para ser cristão, contenta-se em ir cada domingo à igreja, em receber de quando em quando os sacramentos e em sacrificar um pouco de seu supérfluo para as coletas.

Nosso método de educação do povo cristão não foi suficientemente adaptado. Constatamo-lo quando vimos os agentes comunistas, entusiastas e infatigáveis, irem de aldeia em aldeia, de casa em casa, para disseminar seu "evangelho". Procuram os homens onde quer que se encontrem: no trabalho, nas diversões, em casa. Sabem chegar a cada um e falar-lhe de maneira compreensível e interessante; ao aprendiz, ao intelectual, à criança, ao velho. Enquanto nós nos contentávamos, por vezes, em esperar nossos fiéis nas igrejas ou nas escolas, sem nos preocuparmos verdadeiramente com os que não vinham. Os que não freqüentavam a igreja quase nunca encontravam o padre em sua vida. Esquecemos de que "são os doentes os que precisam de médico".

b) *O apostolado dos leigos*. — "Cada comunista é um pioneiro", repete sem cessar a propaganda. Entre nós, deveríamos dizer: "Cada cristão deve ser um apóstolo". A Ação Católica deveria ser a realização desta idéia; mas, entre nós, a Ação Católica não se desenvolveu bastante, porque não encontrou suficiente compreensão no clero secular e regular.

As forças do padre são limitadas. Não dispõe de tempo para penetrar em todas as partes e certos ambientes fecham-se diante dele. Se não há apóstolos leigos que se ponham em contacto com os meios-ambientes que não vêem o sacerdote, estes se perdem para a Igreja. Falharam nesse sentido principalmente os padres mais idosos, não compreendendo bastante os métodos do apostolado moderno nem sua necessidade. No convento de concentração lamentávamos não ter formado bastantes apóstolos leigos, capazes de substituir o padre, pelo menos parcialmente. Nas circunstâncias atuais, quando os padres rareiam cada vez mais, e quando sua liberdade de ação e de movimento é cada vez mais limitada, o papel do apóstolo leigo é, de modo premente, indispensável e necessário.

4. Negligenciávamos a Caridade.

A propaganda comunista classificou-nos entre os burgueses. No convento de concentração, reconhecemos francamente que não era sem fundamento.

Esquecemo-nos muito freqüentemente de que Cristo veio para servir e não para ser servido; aproveitávamo-nos de nossa dignidade espiritual para colocar-nos entre os que são servidos. Comíamos, às vezes, até a saciedade e vivíamos em nossas casas bem aquecidas, sem nos preocupar com o Cristo que sofria fome e tiritava de frio em nossos irmãos, sob nossas janelas. Se lhes dávamos alguma coisa não passava de migalhas que não mais podiam ser postas à nossa mesa. Ora, não deveriam ter sido nossas casas centros vivos da caridade de Cristo?

As próprias instituições (hospitais, escolas, etc.) que tinham sido fundadas para servir, gratuitamente, aos pobres, por amor de Deus, não foram muitas vezes acessíveis senão aos ricos que podiam pagar sua pensão.

"Mostrai-nos a caridade que pregastes e de que falam vossos livros", disseram-nos os comunistas... O comunismo não vê na religião mais que um negócio pecuniário. Um dos argumentos de que se servem para sustentar essa tese está nas taxas exigidas para certas cerimônias eclesiásticas: a solenidade da bênção nupcial, dos enterros, etc., depende da quantia dada ao celebrante. Os comunistas dizem aos fiéis que os ricos são, por toda parte, favorecidos pela Igreja e que terão prioridade mesmo no céu. Tudo depende, não de vossa vida cristã, mas de vosso dinheiro. Essa propaganda não deixa, evidentemente, de ter efeito sobre os que julgam do valor da cerimônia religiosa segundo sua finalidade exterior.

Nos conflitos sociais de nosso tempo, apoiávamos — pelo menos moralmente — os mais ricos, ou, quem sabe, não ousávamos protestar contra as injustiças por medo de perder as esmolas de nossos benfeitores que, aliás, nem sempre eram os cristãos mais fervorosos. Tudo isso produziu nos pobres e operários a impressão de que não pertencemos à sua classe, mas à classe dirigente. Por isso, crêem na propaganda comunista que nos coloca na mesma fileira que os capitalistas. E assim todo o ódio que o comunismo fomenta no coração dos operários contra os burgueses e os capitalistas, tornadós por ele responsáveis por todos os males do proletariado, volta-se também sobre os padres. Eis por que, tantos operários, mesmo crentes, desconfiam dos padres; vêem nêles seus inimigos sociais ou, pelo menos, cúmplices dêstes. E os preconceitos contra os padres transformam-se facilmente em preconceitos contra a Igreja e contra a religião.

O comunismo é uma reação. É uma reação contra certas injustiças sociais. Ele o é também contra nossa falta de caridade para

com os pobres. O Cristo fêz dos pobres seus amigos. Nós os esquecemos. Agora, o comunismo os chama para testemunhar contra nós.

Nos lugares onde existiam padres que, não sòmente falavam de caridade mas a praticavam, lá onde viviam padres que exerciam um apostolado social intenso, o comunismo tem difficil penetração, e as acusações dos comunistas — inimigos do povo — permanecem ineficazes.

Êste capítulo pode parecer severo. E o é realmente. Ao criticar, porém, severamente nossa vida de tempos idos, não quisemos desmoralizá-la. Pois a vida religiosa do nosso país, particularmente em certas regiões, era intensa e viva. E continua a sê-lo. Muito se tem feito entre nós pelo Reino de Deus, sabemos-lo. Mas o que lamentávamos após nossa deportação — quando vimos como os lóbos devoravam nossas ovelhas sem que pudéssemos defendê-las eficazmente — o que lamentávamos era não ter preparado bastante nossos fiéis — nossos bons fiéis — para os tempos *heróicos* que requeriam *santos* autênticos.

CAPÍTULO VI.

A IGREJA DO SILÊNCIO EM FACE DO PERIGO COMUNISTA

1. Divergências de opiniões.

“Como reagir contra o comunismo?” Pergunta alguma foi tantas vêzes lançada como esta, quer nos conventos de concentração quer nos presbitérios.

E jamais houve pergunta tão difficil de se responder como esta. Não é, pois, de admirar que nem todos estivessem de acôrdo neste ponto, nem de que fôra precisamente êste o escolho em que se esfacelou a unidade de nossa ação.

Qual a razão última destas divergências? No comêço, a attitude oportunista dos comunistas para com a Igreja induziu a êrro alguns padres; creram que a posição do comunismo ante a Igreja sofrera uma evolução. Mais tarde, porém, o comunismo desvendou sua verdadeira face, de tal modo que nenhum homem de sã juízo pôde duvidar por mais tempo que o “*comunismo quer suprimir a Igreja*”. Assim todos os sacerdotes — até os “padres patriotas” — concordam, ainda quando não se atrevam a declará-lo em público. Hoje, todos sabem que a política do regime em relação à Igreja é oportunista e que seu último fim é a liquidação da Igreja.

Podemos dizer, pois, que a attitude do regime comunista para com a Igreja é, hoje, em nosso país, evidente para o mundo inteiro.

E, sem embargo, a posição prática do clero com respeito ao regime comunista não é uma e idêntica.

Do ponto de vista teórico a situação é clara: com o comunismo como tal, não se pode colaborar. Mas sob o aspecto prático, o caso complica-se mais; mister se faz distinguir:

1º O comunismo enquanto sistema filosófico-ideológico.

2º O comunismo enquanto sistema sociológico-económico.

3º O comunismo enquanto regime político.

Todos os povos concordam em dizer que a ideologia comunista é inaceitável para um católico. Quanto à sociologia e economia comunistas, ainda que não se as possa condenar em bloco, não podem ser razão suficiente para uma colaboração, já que, colaborando com o comunismo no plano social e económico, corre-se o perigo de ajudar o comunismo. Nos países livres, nossa posição teórica e prática é clara. Mas em nossa pátria complica-se o fato, porque o comunismo está encarnado num regime totalitário para com o qual todo o cidadão deve adotar — queira ou não — uma atitude concreta e pública. O regime exige que todos tenham uma posição. Cada um deve responder seu "sim" ou seu "não" e ater-se às consequências práticas. Além disso, o comunismo não permite que alguém permaneça indiferente a respeito de seu programa económico e social. Enfim, se não força — os sacerdotes em particular — a aceitar sua filosofia materialista, não admite que alguém a critique ou impeça sua propagação.

No terreno económico, a pedra de escândalo é a propriedade privada. Quem não quer expor-se a represálias deve admitir os princípios e sobretudo a prática comunista neste ponto. Pois bem, a doutrina católica e a doutrina comunista no que diz respeito à propriedade não são idênticas. Acresce que, ao realizar o programa económico e suas reformas sociais, o comunismo não respeita a liberdade e a dignidade da pessoa humana e exerce sua justiça seguindo as convicções políticas e ideológicas de seus súditos.

Pode-se, dentro destas condições, adotar uma atitude tolerante, aceitar — por razões superiores — certa colaboração material no terreno económico e social do regime? ou haveria que protestar, ainda quando todo o protesto seja inútil e punível? Há quem responda que se deve recusar toda a colaboração. Outros dizem: é necessário seguir o exemplo da Igreja primitiva que, por força das circunstâncias, tolerou e aceitou de fato, por exemplo, a escravidão. Mais ainda: os apóstolos mandavam aos fiéis escravos ser obedientes para com seus senhores- tiranos. E exortavam-nos a submeterem-se até mesmo às autoridades pagãs.

Não nasce aqui, porém, a raiz última da dificuldade. Se o regime se contentasse com seu programa económico e social e não

aspirasse a mais, poder-se-ia chegar talvez a certo "modus vivendi". Mesmo os padres mais intransigentes pensavam, por exemplo, a respeito da confiscação das casas dos ricos e sua adjudicação às famílias pobres, da seguinte maneira: Nas periferias de nossas cidades vegetaram milhares de famílias pobres, muitas vezes numerosas, em tugúrios de condições inumanas e imorais, enquanto em residências bem espaçosas instalavam-se — não raramente — casais sem filhos ou com um ou dois no máximo, com uma comodidade relativamente grande. E nós não protestamos.

Por que reagir agora a todo o preço, uma vez que toda a protestação não é só inútil, mas prejudicial?

A mais grave dificuldade, portanto, não se estriba no programa econômico e social do regime; nem sequer — embora isto já seja algo mais grave — nos pecados do regime contra a dignidade da pessoa humana. A dificuldade consiste no fato de que o regime comunista é praticamente inseparável de sua ideologia materialista e atéia; o comunismo dissemina por toda a parte esta ideologia, que chegou a ser matéria obrigatória de ensino em todos os centros docentes. Lança também luta implacável a todas as demais ideologias. Se fala da liberdade da Igreja, se lhe dá subsídio pecuniário, não é senão por puro oportunismo. O comunismo aspira a desarraigar toda a ideologia que lhe seja estranha; quer suprimi-la de maneira psicológica e inteligente, não brutalmente como os imperadores romanos. E' esse um fato evidente em nosso país para todo o mundo, mesmo para os padres mais avançados na colaboração com o regime.

A atitude do comunismo para com a Igreja é, pois, evidente para todo homem lúcido. Por que então, apesar disso, as opiniões do clero divergem tanto quanto à posição a adotar com respeito a este regime ateu?

2. Três classes de padres.

Ainda que no plano teórico todos os padres estejam de acordo sobre as intenções dos comunistas em relação à Igreja, na ordem prática podemos distinguir três grupos de padres:

1º Aquêles que colaboram com o governo comunista principalmente por interesse pessoal: para evitar o campo de concentração ou para "fazer carreira".

2º Aquêles que categoricamente se negam a toda colaboração.

3º Aquêles que, para impedir a destruição da Igreja ou para torná-la mais difícil, buscam certo "modus vivendi" com o regime.

1º *O primeiro grupo.* — E' o menos numeroso. São os chamados "padres patriotas". Sua atitude é inaceitável.

2º *O segundo grupo.* — Os padres deste grupo buscam a mesma finalidade que os do terceiro: em primeiro lugar, a salvação da Igreja.

ja e das ovelhas que lhes estão confiadas. Suas opiniões diferem, sem dúvida, quanto ao meio que conduz a êsse fim comum. O segundo grupo é, com efeito, mais transigente. Mostram que com o sistema comunista — nas atuais condições — *não se pode colaborar* por nenhum motivo, nem sequer nas coisas indiferentes e lícitas em si, *porque é necessário ter em conta o contexto*, o conjunto de circunstâncias em que esta colaboração devia fazer-se, assim como o fim pelo qual o regime exige colaboração. Os sacerdotes dêsse grupo não se opõem ao cumprimento de seus deveres cívicos: abstêm-se unicamente de exercer atos que poderiam dar a impressão de que a Igreja — em seus representantes oficiais — concorda com o sistema atual e considera como boas tôdas as medidas tomadas contra a religião e a dignidade da pessoa humana.

Os padres dêste grupo são, por conseguinte, abertamente reservados em relação ao regime a fim de não induzir em erro nem escandalizar aos fiéis nem aos estrangeiros e porque não querem prestar nenhum apoio à tática anti-religiosa do partido. Sabem que por esta atitude serão perseguidos, que sua atividade religiosa será progressivamente limitada e que por fim serão eliminados da vida pública. Pensam contudo que, embora encarcerados, serão mais úteis ao povo fiel com seu exemplo do que desempenhando uma ação muito restrita comprada com concessões que poderiam custar caro. Escolhendo a prisão de preferência à colaboração a qualquer preço, darão o maior desmentido à propaganda e doutrina comunistas, as quais afirmam que a Igreja e os sacerdotes não procuram mais do que seus interesses materiais e políticos, sob pretêxto de religião.

Não é necessário interpretar tudo o que acabamos de dizer no sentido de que êste grupo recusaria “a priori” todo o “modus vivendi” com o sistema comunista atual. A vontade e o desejo de um “modus vivendi” em condições honestas e moralmente aceitáveis, jamais faltaram de parte da Igreja. Mas por parte do regime, estas condições não foram garantidas.

Mais ainda. A Igreja nunca se negou a adaptar-se — na medida do possível — às condições sociais, econômicas e políticas novas. Está confirmado pelos fatos. Nos assuntos que não pertencem diretamente a sua missão, a Igreja quis guardar a neutralidade. Mas o governo comunista não se dá por satisfeito com isso. O comunismo quer que todos. — sem excluir o clero — aprovelem positivamente sua política e com êle coopere. Portanto, embora a êste preço, a atitude comunista não mudará realmente. Seu objetivo será sempre a supressão da Igreja. Tolera a Igreja como um mal necessário, provisório, condenado a desaparecer. Essa destruição será tanto mais fácil, quanto menos ruído se fizer. Por isso, quer manter relações oficiais e amistosas com uma Igreja escravizada. Os padres, dos quais falamos aqui, expressam-se também dêsse modo: Ainda que colaboremos

com o regime, este jamais deixará de ir assestando golpe após golpe à Igreja. Nossa cooperação não servirá mais que para mascarar a tática refinada do sistema.

3º *O terceiro grupo* (os que buscam um “modus vivendi”). — Os padres compreendidos neste grupo tentam uma espécie de “modus vivendi” para salvar os interesses da Igreja. Situam-se a meio caminho do primeiro e do segundo grupo. Como os padres do primeiro grupo — “padres patriotas” — sua atitude oficial referente ao regime é positiva; isto é, os padres deste grupo participam oficialmente de certos empreendimentos do regime, com a condição de que não sejam maus em si. Diferem, entretanto, daqueles, na sua própria atividade exterior, enquanto sua colaboração com o regime se restringe ao estritamente necessário — o que o regime exige absolutamente deles — ao passo que os “padres patriotas” vão, por assim dizer, ao encontro do próprio sistema.

Têm de comum com os padres do segundo grupo o fim colimado: para eles a colaboração com o regime não está motivada — como ocorre com os “padres patriotas” — por seu interesse pessoal; trata-se, em primeiro lugar, do bem da Igreja.

Como justificam sua colaboração? E' indubitável que o comunismo quer aniquilar a Igreja. Mas, no momento, tolera-a todavia porque tem necessidade dela, ou porque não se atreve a suprimi-la de vez por causa das repercussões econômicas, políticas e internacionais que uma liquidação demasiado brutal poderia provocar. Por esses motivos quer parecer “tolerante” para com a religião e deseja uma trégua aparente com a Igreja.

Devemos aproveitar dessa circunstância, raciocinam os padres deste grupo. Devemos explorá-lo em benefício da Igreja. O regime deixa ainda abertas nossas igrejas e nos permite administrar os sacramentos. Para salvaguardar esta consolação a nossos fiéis, é melhor consentir numa colaboração material com o regime naquilo que, em si, não é mau.

A fim de justificar sua maneira de agir, esses padres recorrem aos casos análogos contados na história da Igreja, onde representantes eclesiásticos cederam sob a pressão das autoridades civis e consentiram em compromissos assaz humilhantes para evitar mal maior.

4º *Crítica do segundo e terceiro grupos.* — *O segundo grupo.* O segundo grupo — o mais numeroso — recusando-se a todo o compromisso e a toda a cooperação com a política comunista, goza de uma popularidade maior junto ao povo fiel, que encara esses sacerdotes como heróis, exemplos a imitar, e lhes manifesta por todos os lugares em que é possível sinais de simpatia e de amparo.

Há contudo o perigo de que a influência moral desses sacerdotes se debilite progressivamente, porque o regime os vai isolando mais

e mais e a propaganda trabalha continuamente contra êles. Assim, humanamente falando, perder-se-ão praticamente para as almas. Felizmente, a economia divina não se mede pela eficácia imediata...

Terceiro grupo. A atitude do povo foi negativa, principalmente no começo, com aqueles que se comprometiam com o sistema. Confundiam-nos com os "padres patriotas", diante dos quais guardam uma atitude exterior quase idêntica à que mantêm com o regime. E' difícil compreenderem a atitude interior, a intenção. Hoje há mais clareza no assunto e assim esta parte do clero — que praticamente é o único que pode exercer uma atividade apostólica pública — não deixa de influir no povo fiel.

O perigo dessa cooperação consiste em que os padres dêsse grupo concordam com o regime e que são, em certo sentido, e mesmo em certo grau, responsáveis por tudo o que o governo faz. Além do mais, podem escandalizar, induzir a mau caminho e enfraquecer à resistência os cristãos, aos quais não é fácil explicar os motivos de tal conduta e não sabem distinguir claramente entre colaboração formal e material. Finalmente, a atitude dêsses padres pode confirmar a propaganda comunista quando ela declara que: "A Igreja e seu clero não buscam senão os interesses materiais; estão dispostos a concorrer com o regime ateu enquanto isto lhes convenha..."

3. Gravidade da situação.

O programa da tática comunista não se restringe unicamente a lançar o desentendimento entre os sacerdotes mais capazes, mais ativos e mais resolutos. Para um regime que possui um policiamento bem organizado, não é problema difícil. Mas os comunistas são suficientemente clarividentes para perceber que encarcerar sem mais nem menos os importunos não faz senão aumentar sua autoridade e realçar seu crédito aos olhos da nação. Para que a ação da polícia seja eficaz, mister se faz seja secundada pela ação da propaganda, a qual procurará desacreditá-los. Enfim, os prisioneiros precisam ser substituídos, na medida do necessário, por criaturas do regime, a fim de que o povo crente se embale na ilusão de que, em nosso país, a Igreja não vai de todo mal. A astúcia comunista teria triunfado se, após dobrar moralmente os primeiros padres decididos, conseguisse pô-los nos cargos importantes e como manequins do governo.

A gravidade da situação para "a Igreja do silêncio" não consiste, pois, em primeiro lugar, em estar privada de seus guias mais capazes, nos momentos mais graves de sua história; torna-se mais grave porque a direção da Igreja passa a mãos menos capazes e menos dignas, que, graças à hábil propaganda do regime, vão sendo, pouco a pouco, acreditadas até mesmo junto ao povo crente.

Como dissemos, aquêles que podem desenvolver atividade pública na Igreja (a partir de março de 1951), sobretudo se se trata de um pôsto de certa importância, pertencem, ou aos "padres patriotas" ou ao grupo dos conciliadores. Ora, tôda a iniciativa, na prática, encontra-se nas mãos dos "padres patriotas", os quais procuram, em primeira instância, suas próprias vantagens e não as da Igreja. Os bons padres que admitem um ajuste por força das circunstâncias, são tímidos, passivos, perplexos, sem iniciativa.

A gravidade desta situação paradoxal consiste em que, embora tôda a atividade se encontre em mãos de alguns "padres patriotas", cujo valor é duvidoso, a massa dos bons padres, que externamente formam com êles um bloco, parece dar-lhes aprovação tácita — mesmo em coisas condenáveis — e realçam com isso a autoridade daqueles junto ao povo.

Não se pode dizer, entretanto, que a massa de padres bons não tenha nenhuma influência sobre os "padres patriotas", ainda que êsses "patriotas" gozem de pleno apoio do sistema. Ainda consideram os sentimentos dos sacerdotes bons e refreiam um pouco seu zêlo na colaboração. Por outra parte, se "tais patriotas" não pudessem apoiar-se nos sacerdotes bons, sua ação seria estéril; ninguém os escutaria. Nem o próprio regime poderia servir-se dêles em sua campanha contra a Igreja, sabendo bem que, por seu intermédio, não ganharia os cristãos.

4. Que fazer?

E' verdade que não se devia assinar o compromisso de março de 1951. Se tivessem recusado, a união dos padres fiéis teria sido salvaguardada, ainda que os "padres patriotas" se tivessem destacado nitidamente dos demais. Mas devemos aceitar a situação tal qual é. A questão principal é de se saber por que meios se pode restaurar a união de ação do clero nos momentos e nas circunstâncias atuais; dar um passo atrás e tomar a atitude da classe intransigente (cuja quase totalidade se encontra hoje aprisionada ou no ministério pastoral secreto); ou então admitir a posição de março de 1951? Esse problema foi o mais discutido entre os padres.

No começo, na maioria êles condenaram o contrato de março de 1951 e se decidiram por uma atitude intransigente (na medida do necessário). Aquilo que mais condenavam, não era o compromisso como tal, mas o fato de que, sendo assinado somente por uma fração do episcopado, quebrava a unidade de ação. Todos estavam persuadidos de que, depois da graça de Deus, é a união que faz nossa força. Se nosso modo de proceder fôsse unânime, mesmo uma atitude assaz condescendente para com o regime não seria tão perigosa.

E' certo que, nas condições atuais, não se pode mais reconstruir esta união ideal. Isso entretanto não nos dispensa de fazer o que está em nosso alcance para restabelecê-la.

CAPÍTULO VII.

A IGREJA DO MUNDO LIVRE EM FACE DO PERIGO COMUNISTA

1. "Principiis obsta"...

Era antes de 1948. Um intelectual católico fêz, em nossa casa, uma conferência pública. Falou, entre outros assuntos, da doutrina social da Igreja e declarou que em nada estava atrasada em relação a dos comunistas. Como prova, citou as Encíclicas dos Papas. A conferência foi seguida de debates. Um dos ouvintes — um comunista — fêz então ao conferencista a seguinte pergunta: "Poderia dizer-me, senhor professor, quando apareceu a primeira Encíclica sobre a questão social?"

— Em 1890, mais ou menos, — respondeu o conferencista.

O interlocutor replicou então calmamente, mas com energia:

— Marx começou a disseminar sua doutrina por volta de 1840.

— E sentou-se.

O conferencista não esperava esta resposta e pôde apenas dar uma explicação satisfatória. Pensei então nas palavras de Cristo: "Os filhos dêste mundo são mais vigilantes do que os filhos da luz..."

Vale o mesmo que o protestantismo. Foi dito que, se o Concílio de Trento tivesse sido realizado antes, a apostasia desta grande parte da cristandade não seria a realidade que hoje é. Mesmo que isso não seja de todo exato, é constatado que as causas do protestantismo começaram a ser afastadas quando já era tarde demais, e quando já grassava em nosso meio.

2. Muitos dentre nós dormem tranqüilamente.

O comunismo é talvez mais temível para a Igreja do que o protestantismo. O lamentável é que se dirige às massas populares com um programa social cuidadosa e longamente elaborado. De certa maneira, vale também aqui a lei do "eu cheguei primeiro". O programa social comunista foi o primeiro a ganhar as massas operárias. Agora, uma geração herda da outra sua mensagem e, com sua simpatia em relação ao comunismo, transmite também seu preconceito e sua hostilidade para com a Igreja. Será preciso muito tempo e muito trabalho para recuperar as ocasiões perdidas.

O mais grave ainda é que, tendo a Igreja elaborado agora seu ensinamento social — que continua incessantemente a aperfeiçoar e a difundir — há poucos padres, poucos apóstolos que procuram pô-lo em prática. Geralmente, o clero e os dirigentes da Ação Católica conhecem muito mal o ensinamento social da Igreja e não fazem esforço suficiente para nêle inspirar sua ação.

"Hannibal ante portas". Apesar disso, muitos dentre nós dormem tranqüilamente. Muitas vêzes só começamos a reagir vigorosamente quando em plena crise. Não compreendemos muitas coisas em nosso país, senão quando fomos derrubados, como Saulo, de seu cavalo. E, no entanto, nenhuma grande crise chega subitamente. Quantas coisas não se poderiam salvar com imediata intervenção preventiva! "Principiis obsta!", sem a "medicina paratur"...

A Igreja do Silêncio sangra em suas numerosas feridas, lutando contra um dos maiores inimigos do cristianismo e da humanidade. Essa luta tornou-se, para nós, mais difícil e mais grave por termos deixado passar certas ocasiões, quando ainda tínhamos tempo para agir. Isso reconhecemos sinceramente nos conventos de concentração. "Mas, no Ocidente, a Igreja ainda tem tempo para agir", dizíamos nós para consolar-nos. E esperávamos que este tempo seria bem aproveitado. Mas, infelizmente, é preciso confessar que é essa uma das maiores decepções que um padre exilado possa experimentar quando transpõe a fronteira: verificar que são numerosos os que ainda dormem tranqüilamente; que não vêem as verdadeiras causas do perigo, nem sua gravidade, que não aproveitam o tempo precioso que ainda lhes resta.

Com uma ação enérgica, bem organizada e cumprida diligentemente, poder-se-ia fazer muito, porque a maioria dos comunistas atuais não são, no fundo, comunistas autênticos. Não estão ainda suficientemente penetrados da ideologia comunista: dão-lhe a adesão sobretudo por causa de seu programa social e econômico que, aliás, de um modo geral conhecem muito mal. Hoje não seria ainda impossível reconquistá-los, mas amanhã, quando estiverem penetrados da ideologia comunista e de graves preconceitos contra a Igreja, isso será muito mais difícil. Teremos, então, diante de nós, sectários autênticos que ultrapassarão, por sua negação das realidades sobrenaturais e dos valores religiosos, todos os antigos hereges. E, por seu fanatismo, serão comparáveis aos muçulmanos dos primeiros tempos. Serão ainda mais perigosos que aqueles, porque mais radicais, mais conseqüentes, mais refletidos e mais bem organizados.

Hoje nos unem ainda com eles os vínculos de uma cultura e de uma tradição comuns. É-nos relativamente fácil falar-lhes e ganhá-los. Amanhã, quando já reeducados pelo comunismo, todos os laços deixarão de existir.

Mesmo nos países da "Igreja do Silêncio", apesar dos obstáculos que poderíamos chamar físicos, a Igreja pode ainda exercer influência sôbre as massas comunistas. Mais tarde, é possível que os obstáculos "físicos" erguidos contra a Igreja não sejam tão grandes quanto agora. Mas os obstáculos morais, psicológicos aumentarão. Assim foi com o protestantismo: no começo, alguns missionários bastaram para reconquistar à Igreja regiões inteiras. Mais tarde, a luta contra os católicos diminuiu em asperezas, mas as conversões tornaram-se muito mais difíceis: as primeiras gerações tinham sido atingidas apenas superficialmente pelo protestantismo. Nas gerações ulteriores, o protestantismo enraizara-se profundamente nos corações e nas tradições.

3. Como enfrentar o comunismo.

Antes de mais nada, não bastaria uma atitude puramente defensiva. O melhor remédio contra o comunismo é suprimir as causas de seus êxitos: as misérias e as injustiças sociais. Depois, um apóstolo não se deve apartar dos comunistas. Deve conhecer aqueles que vivem em seu meio, estudar as causas concretas de sua adesão ao comunismo, suas idéias, sua psicologia, seu caráter. Certamente, há entre os comunistas maus elementos, canalhas, fanáticos, oportunistas e arrivistas. Mas há também idealistas que sacrificam sua vida com desinteresse admirável por uma causa, convictos de ser justa. Nesses últimos, em particular, é mister não ver antes de tudo adversários, mas irmãos a quem converter e conquistar para Jesus Cristo. Nossa atitude objetiva e correta para com eles, deveria provocar seu respeito e sua simpatia por nós.

Para converter os comunistas, seria necessário conhecer-lhes *objetivamente* a doutrina e as práticas e falar delas sem exagero. Descrever a realidade tal qual é. Expor não somente os lados negativos do comunismo, mas também seus êxitos. Assim, compreender-se-ia melhor por que somos contra o comunismo; não poderiam mais, senão dificilmente, acusar-nos de defender a causa dos capitalistas contra a dos pobres. Enfim, o comunismo tem muitos aspectos negativos, mesmo no plano prático, para que possa ser aceito por qualquer homem de julgamento são, mesmo conhecedor da realidade completa.

Se falássemos unicamente dos lados negativos do comunismo, firmariamos os adeptos comunistas em suas concepções, não nos acreditariam. Veriam em nós adversários interessados como os outros e não homens cuja missão é "testimonium perhibere veritati" (dar testemunho da verdade). E se nossos fiéis apreendessem por outras vias os lados positivos do comunismo, perderíamos sua confiança e nossas advertências permaneceriam ineficazes.

O comunismo é lobo vestido com pele de ovelha. Há quem se deixe enganar pelas aparências e não vê o que se oculta no interior. Outros há que vêem unicamente o lobo. E' necessário seleccionar, com severo espírito crítico, as notícias vindas dos países comunistas, mesmo que venham através de agências de imprensa normalmente bem informadas. Em geral, como dissemos, os comunistas evitam presentemente matar os padres, profanar as igrejas, impedir as cerimônias religiosas. (Não falamos aqui da Igreja católica de rito bizantino — os Unidos — que foi suprimida, de maneira brutal). A propaganda comunista segue com grande atenção a imprensa e as rádios estrangeiras a fim de poder convencê-las de mentiras. Se nelas encontra algo de útil para si, serve-se disso amplamente em conferências, na imprensa...: "Eis como escreve êsse ou aquêlo periódico religioso estrangeiro em seu ódio cego, em seu desejo de caluniar nosso regime de democracia popular. Que vos parece? E' verdade?"

Um dos casos mais característicos aconteceu há poucos anos: A imprensa e a rádio estrangeiras anunciaram que D. Busalka havia morrido na prisão. Esta notícia foi transmitida também pela Rádio Vaticano, que indicou provir a notícia de uma agência de imprensa vienense.

Algumas semanas mais tarde, D. Busalka comparecia perante o "Tribunal do Povo". A primeira pergunta que lhe fizeram foi a seguinte:

— Réu, o senhor está vivo ou morto?

— Estais vendo, senhor juiz, — respondeu D. Busalka.

Diz o juiz: — Vejo-o são como uma beterraba (provérbio popular eslovaco, para indicar saúde excelente). Veja o senhor as mentiras que lança ao mundo a emissora do Vaticano, propalando a notícia de sua morte!

— E' terrível! — exclamou o bispo.

O Procurador do Estado interrompe: — Senhor acusado, estou curioso por ver como o Vaticano explicará sua ressurreição a seus radiouvintes e a imprensa ocidental a seus leitores.

Os comunistas, num processo teatral, condenando D. Busalka à prisão perpétua, perpetraram crime tão grande como se o fizessem sucumbir às torturas de seus verdugos. Sem dúvida, soube a propaganda comunista aproveitar-se, de maneira descomunal, de todos os erros do adversário para com êles alcançar seu fim.

Do mesmo modo, é preciso ser circunspecto quando se escreve sobre a ordem social comunista. Se condenamos o comunismo sem condenar os excessos de capitalismo, a propaganda soviética tem logo argumentos contra nós: a Igreja está com os ricos, é contra o povo e contra uma ordem social justa. Enumera, então, os sucessos do regime: a "abolição do desemprego, das diferenças so-

ciais, a assistência gratuita aos doentes, às crianças", etc... Contrapõe os lados negativos de sistemas capitalistas: a exploração, o desemprego, as diferenças sociais extremas... E a conclusão é sempre a mesma: a Igreja é contra a ordem social comunista; é, pois, a favor do capitalismo, porque corresponde melhor às suas tendências de domínio e porque isso lhe convém.

Cito exemplo característico do processo contra três bispos eslovacos, em Bratislava:

O Presidente: — Qual foi o sistema que lhe proporcionou mais vantagens, o capitalista ou socialista?

D. Vojtassak: — O capitalismo.

Presidente: — Em quê?

D. Vojtassak: — Do ponto de vista econômico e material. (O bispo estava, de certa maneira, mais bem assegurado...)

Presidente: — Poderia V. Excia. afirmar que se empregou violência contra a Igreja, contra a religião, quando o povo trabalhador se apoderou do poder? Fecharam-se as igrejas?

O bispo: — Não poderia afirmar.

Presidente: — Que é que V. Excia. temeu quando ruiu o sistema capitalista? V. Excia. disse que o capitalismo havia garantido à Igreja posição econômica e poder.

O bispo: — Sim.

O procurador: — Afirmou o senhor que entre os dois sistemas, capitalista e socialista, escolhera o capitalista; isto quer dizer que o senhor o preferiu, com tôdas as suas conseqüências: com as riquezas de um lado, com a miséria e a desocupação de outro...

O juiz (Bedrna): — Por que se aliou com as forças reacionárias contra a ordem da democracia popular?

O bispo: — No fundo preocupava-me a questão dos bens eclesiásticos.

Comentário do juiz: Nisto Vojtassak disse toda a verdade. Tratava-se dos bens da Igreja. Tratava-se disto na alta hierarquia eclesiástica na Áustria, Hungria, na primeira República Tcheco-eslovaca, no Estado Eslovaco e também após a libertação.

O juiz dirigindo-se ao bispo: — Preocupavam-no os bens da Igreja. Por que não se dirigiu a seus fiéis? Os trabalhadores espalhavam o mesmo parecer?

O bispo: — Não.

Sua Excia. D. Vojtassak, bispo exemplar e conhecido por sua grande caridade, zelo apostólico e desprendimento, não assumia a responsabilidade das respostas dadas. Lutou contra o comunismo ateu por razões muito diversas dos bens eclesiásticos. Respondia perante o tribunal como "os diretores de cena" comunistas lhe haviam ensinado. Narro êsse exemplo unicamente para ilustrar a tática

do comunismo em seu ataque contra a Igreja e seu clero e como quer desacreditá-los.

É preciso levar em conta essa tática (que consiste em desacreditar a Igreja exagerando e generalizando certas fraquezas) e evitar escrupulosamente tudo o que poderia dar aos comunistas pretexto mais ou menos fundamentado para seus ataques. É sobretudo agora que o clero deve primar por seu desprendimento, seu desinteresse, sua imparcialidade absoluta: é preciso saber condenar os erros e os abusos, estejam onde estiverem. Provar que é unicamente a caridade do Cristo que nos dirige. *Realizar* o programa social da Igreja com zelo mais intenso do que o dos comunistas na realização do seu. Não proporcionar ao adversário o prazer de poder condenar-nos ou criticar-nos com fundamento, por outra causa que não a causa de Deus.

4. Começar por si mesmo.

Quando se abatem os tempos das graves crises e as tempestades sacodem as sociedades, a Igreja enfrenta o perigo, começando por uma reforma interior. Há na Igreja o divino que não muda e o elemento humano suscetível de adaptação e progresso.

No século XVI a Igreja sentiu vivamente a necessidade de uma reforma "in capite et in membris" (na cabeça e nos membros). Essa reforma foi realizada principalmente pelos santos e pelo Concílio de Trento, que remediou numerosos males e deu novo vigor à vida da Igreja. Graças a esse Concílio a Igreja possui hoje hierarquia e clero dignos e muitos leigos que vivem verdadeiramente segundo sua fé. Por isso, graças a Deus, não é de uma reforma de costumes que o clero necessita atualmente. Mas, a humanidade sofreu tão grandes modificações nos últimos tempos que parece urgente uma adaptação dos métodos de apostolado. E, considerando os perigos extremamente graves que ameaçam a Igreja, essa adaptação deveria realizar-se prontamente. Por que meios?

5. Preparação moderna dos seminaristas.

Trata-se, em primeiro lugar, de uma *preparação adaptada* dos seminaristas.

Antes de tudo, a preparação teórica: tem-se, às vezes, a impressão de que o ensino nos prepara mais cuidadosamente para discutir com velhos cétricos e sofistas gregos do que com os cétricos e sofistas de hoje. Falaram-nos muito das antigas heresias, das quais algumas estão totalmente esquecidas, mas pouco nos falaram da maior heresia e apostasia moderna, de suas causas e de seus remédios, sem dúvida porque dela quase nada dizem os velhos ma-

nuais. Quando entramos em contacto com a vida, com os engenheiros e os operários... constatamos que conhecíamos melhor os problemas dos filósofos gregos e dos escritores clássicos que os dos homens de nossos tempos. Mesmo os padres que passaram muitos anos no ministério das almas, fracassaram quando se viram no meio dos operários: desconheciam esse meio tanto quanto um missionário recém-chegado a um país, cuja língua e costumes ignora por completo.

Seria também necessário estudar não somente as idéias e as teorias de nossos adversários, mas também os métodos de apostolado suscetíveis de aplicação entre eles. Em nossa época não basta confessar e pregar; são necessários *apóstolos* — não só teóricos — *especializados*. Ora, isso não se faz num dia.

Quando os comunistas nos enviaram para os trabalhos forçados nas fábricas, etc... verificamos que conhecíamos muito pouco a vida dos operários, seus problemas, seus interesses. Por isso, tiramos proveito dessa provação desejada por Deus, para conhecer bem os males que o comunismo traz às almas e para procurar os remédios oportunos, aptos a curá-los.

Desde já podemos comprovar o bom resultado desse esforço. Os operários das fábricas e das minas, onde trabalham obrigatoriamente os seminaristas e os padres, não crêem mais na propaganda comunista que afirma que os padres e os religiosos escolhem sua "profissão" para viver bem e confortavelmente, porque eles vêem que os padres sofrem por sua vocação e preferem os trabalhos a traí-la.

Os operários simpatizam com os padres, religiosos e seminaristas que têm de trabalhar com eles. Sentem pena e reconhecem que agem mal em relação a eles. Defendem-nos com frequência e reclamam-lhes os mesmos direitos, os mesmos salários e as mesmas férias de que usufruem os operários profissionais.

6. Desembaracemo-nos da aparência de ricos.

Os comunistas acusam os padres seculares e regulares de explorarem o povo e dizem que o único objetivo de seu "ofício" é viver confortavelmente. Intentam demonstrar essas afirmações com numerosos exemplos históricos ou atuais. Essa propaganda fez muito mal à Igreja. E' preciso levá-lo em conta.

São Paulo dizia que jamais comeria carne se isso viesse a escandalizar alguém. E, embora perfeitamente consciente de que a comunidade cristã tem o dever de manter seus chefes espirituais, preferia ganhar o pão trabalhando com suas próprias mãos, para manifestar claramente que não era dinheiro que procurava ao pregar o evangelho, mas as almas. Em nossos dias é preciso ter uma sensibilidade quase tão grande quanto a de São Paulo em relação a esses assuntos.

Se outrora o servidor de Deus podia ou devia cercar-se de certa pompa para estabelecer a autoridade e o prestígio necessários à sua missão, agora é muito mais a simplicidade que ganha os corações. Seria necessário desembaraçar-nos com coragem, em nossa apresentação exterior, em nossas vestimentas, de todas as coisas que nos façam parecer, aos olhos do mundo, ricos e, às vezes mesmo, ridículos e odiosos. Mesmo no culto divino, é a simplicidade, a dignidade e a profundidade que tocam os corações, mais que uma pompa algumas vezes muito exterior.

Deveríamos abraçar esses sacrifícios com tanto mais alegria quanto Nosso Senhor nu-lo incute com seu exemplo e doutrina.

Os bens eclesiásticos constituem, de modo particular, um dos principais argumentos das críticas comunistas. Embora a razão íntima desses ataques seja a vontade de subjugar a Igreja, privando-a de seus meios materiais necessários, deveríamos contudo tomar medidas eficazes para não dar pretextos, mais ou menos fundados, a tais investidas, talvez por meio de uma distribuição mais razoável dos bens eclesiásticos, por um trato mais justo de nossos familiares e empregados, por melhor gestão de nossas obras. Sem isto, a eficácia de nosso apostolado sofrerá enormemente.

Há, mesmo, ambientes em que o Evangelho de Cristo talvez não pudesse penetrar, se a testemunha do Cristo não desse o exemplo de despreendimento total, nutrindo-se, como São Paulo, de seu trabalho e dando o supérfluo aos pobres. Somente assim é que acreditariam que ela busca não o dinheiro dos fiéis, mas as suas almas. Na verdade, seria imprudente privar o apóstolo dos recursos necessários a seu apostolado. É preciso, porém, pesar a eficácia de certos meios. Aquilo que, numa época ou num ambiente determinado, pode servir de instrumento ao apostolado, pode, em outra época e em outro meio, ser-lhe obstáculo. Nós, que nos entregamos ao serviço de Cristo, devemos ter a coragem de sacrificar tudo o que fôr obstáculo a esse serviço.

7. Distribuição racional e planejada de nosso apostolado.

A humanidade moderna experimenta rápida evolução e transformação bem profundas. Devemos ser o fermento e o sal do mundo e, por isso, temos que levar em conta essa transformação e dela tirar as conseqüências práticas necessárias.

Não são apenas os movimentos de idéias que devemos seguir para cristianizá-los na medida em que isto fôr possível; devemos também adaptar-nos à nova situação demográfica: há cidades novas que crescem com rapidez fantástica. São principalmente cidades industriais ou subúrbios de grandes cidades, que não cessam de crescer. Por outro lado, há regiões em que o número de habitantes diminuiu fortemente durante as últimas décadas. Ou ainda, as pro-

porções mudaram; outrora, considerável percentagem da população era composta pela população rural. Agora são os operários aqueles com quem devemos contar mais, mesmo por causa de seu número.

Ora, a distribuição das dioceses e das paróquias nem sempre seguiu esse movimento demográfico. Por isso, existem hoje paróquias com 50.000 fiéis, ao lado de outras que não contam mais de 300 almas ou ainda menos. Alguns, pois, são esmagados pelo trabalho e lhes é materialmente impossível conhecer tôdas as suas ovelhas e delas cuidar; outros, em compensação, não são mais do que semi-ocupados.

Existem também, até em países da mesma língua, dioceses com abundância de clero, enquanto noutras, duas, três e até cinco paróquias são confiadas a um só sacerdote.

Há padres em postos que poderiam ser ocupados por leigos católicos, enquanto em lugares onde o padre é insubstituível, seu lugar muitas vezes está vazio. Esse fenômeno é o resultado de certa rotina: conservaram a divisão histórica das paróquias, das dioceses; continuaram os ministérios tradicionais sem se levar sempre em conta suficientemente a situação nova. Esta a razão pela qual há proporcionalmente menos padres nos arrabaldes das grandes cidades que no centro das mesmas.

Em certos casos, poder-se-iam formar grupos de padres paroquiais, que morariam ou colaborariam juntos. Poderiam, assim, dividir racionalmente o trabalho. O carro e o telefone podem superar as dificuldades e as distâncias que os separariam dos paroquianos mais afastados.

Os inconvenientes e perigos de uma vida solitária seriam, assim, superados e alguns dos problemas financeiros também.

Somos o Corpo Místico de Cristo. E' mister que a ação apostólica da Igreja Universal, assim como a das igrejas locais, forme uma unidade orgânica.

8. O Apostolado da Oração.

"A Igreja está de joelhos", dizia desdenhosamente, em 1950, alto funcionário do Ofício do Estado para os Assuntos Eclesiásticos. Querria dizer que a Igreja está vencida, privada de todo o apoio humano. Apesar disso, êste alto funcionário exprimia profunda verdade. Nunca se rezou mais em nosso país e com fervor tão grande, como nas atuais circunstâncias.

Quando reuniram os religiosos nos conventos de concentração, pretenderam justificar tal ação dando-lhe a seguinte interpretação: Não queremos exterminar os religiosos, mas reintegrá-los em sua vocação primitiva. Ao afirmar isso, pensavam numa vida absolutamente separada do mundo, na vida dos antigos eremitas. Falavam-nos disso

com freqüência. E, para assegurar nossa tranqüilidade, guardavam-nos dia e noite com metralhadoras... Não se pode deixar de sorrir desta ingênua explicação dos ateus... que não crêem na eficácia da oração e para os quais a oração não é mais que uma perda sacriliga de tempo. Vimos, porém, em tudo isso, o dedo de Deus.

Todo o apostolado direto era-nos interdito. Nada mais nos restava que o apostolado do sacrificio e da prece. Oramos sobretudo por nossos carcereiros. Refletíamos assim: este é agora nosso campo imediato de apostolado. Somos responsáveis por sua salvação. Quanto mais furioso era um sentinela, tanto mais rezávamos por ele... Muitas vezes pudemos ver o efeito direto dessa arma onipotente: Vários guardas, a princípio violentos, mudaram completamente em pouco tempo e alguns dêles chegaram a envergonhar-se de seu comportamento inicial. A oração e a caridade os haviam vencido por completo.

A Igreja é o Corpo Místico de Cristo. No corpo, se um membro é ameaçado de infecção, todo o organismo reage enérgicamente contra ela. Eis por que a Igreja inteira deve lutar com veemência contra o maior inimigo do sobrenatural na História da humanidade: toda a igreja deve pôr-se de joelhos para rezar pela mesma intenção, como o faz a Igreja do Silêncio. Os padres deveriam falar amiúde das lutas da Igreja do Silêncio e do auxílio espiritual que lhe devemos. *Um Dia Mundial*, consagrado cada ano à "Igreja do Silêncio", contribuiria muito para esse fim.

Seria de desejar também que os sacerdotes oferecessem com freqüência o Santo Sacrificio da Missa nesta intenção... Disse-me um padre, certa ocasião: Hoje em dia, a quase totalidade das missas são oferecidas em sufrágio dos defuntos; pois bem, isso para eles pode ser útil, é certo, mas não necessário, porque sua sorte eterna já está decidida. As vezes oferecem-se missas para obter curas e outros interesses temporais. Raras vezes — exceção das Missas "pro populo", a que estão obrigados os párocos "sub gravi" — aplicam-se as missas pela conversão dos pecadores, pela salvação eterna de tal ou qual pessoa, ou pelas grandes intenções da Igreja, ou nas intenções pelas quais Jesus Cristo derramou seu Sangue... Quando muito, dedica-se uma segunda intenção para aplicar os frutos especiais do Santíssimo Sacrificio às intenções de interesse primordial, à salvação do mundo. Sabemos, entretanto, que os santos faziam oferecer milhares de Missas pelos interesses urgentes da Igreja.

9. A Caridade.

"Et adhuc excellentiorem viam vobis demonstro. Et si linguas hominum loquar, et angelorum, charitatem autem non habeam..." (I Cor 13).

Quem de nós desconhece esse magnífico hino de São Paulo à Caridade? A caridade é, com efeito, a lei suprema do cristianismo, o sinal distintivo do discípulo de Jesus Cristo: "in hoc cognoscent omnes quia discipuli mei estis, si dilectionem habueritis ad invicem!" (Jo 13,35). E seremos julgados segundo houver sido nossa caridade praticada: Esurivi... sitiivi... hospes eram... nudus... infirmus... in carcere; mihi fecistis!" (Mt 24,34). Destas palavras de Cristo podemos deduzir que a prova decisiva do homem sobre a terra consiste nisso: reconhecer e servir a Cristo no próximo.

Pois bem, o comunismo desafia a eficácia da caridade cristã. Para não citar senão um exemplo: "...O cristianismo dividido em Igrejas e em seitas mostra-se sempre, na História, mais como instrumento do imperialismo — sobretudo com relação aos povos eslavos — do que como meio de estimular — por seu conteúdo imanente do Cristo — as nações a uma vida comum humana e pacífica

E' o grande fracasso, historicamente verificável do cristianismo, enquanto portador de uma doutrina sobre a caridade do próximo e, em sua forma católica, enquanto fez esforços para o universalismo. Do mesmo modo o humanismo pan-eslavo de Kollár (poeta de origem eslovaca), não desempenhou na unificação das Nações eslavas o papel que dele se podia ter esperado; nasceu do cristianismo e com ele teve uma superioridade teórica aparente, mas também teve certamente sua debilidade prática..."

"Mostrai-nos a caridade de que falais tantas vezes". Essa censura os comunistas no-la fizeram incessantemente. Se refletirmos sobre ela com sinceridade, devemos confessar que não é de todo desprovida de fundamento. Não que a Igreja tenha traído sua missão. Mas, nem todos os padres dão à caridade o lugar que deveria ter em seus cursos de Teologia, de Moral, de Catecismo. Contentam-se muito freqüentemente em falar da "caridade" quando organizam uma coleta. Por isso, quando se começa a falar de caridade, muitos cristãos pensam imediatamente em donativos voluntários de seu supérfluo. Eis por que ousamos, em certo sentido, ir mais longe que nossos críticos comunistas: os cristãos não só não praticam suficientemente a caridade, mas ainda não estão suficientemente penetrados de sua doutrina e de seu espírito. Atrevemo-nos a afirmar que a apostasia das massas foi provocada não somente pelas injustiças sociais, mas sobretudo pela falta de caridade de muitos cristãos: foi antes de tudo dos leigos e dos padres que não irradiaram bastante a caridade de Cristo, que estas massas se afastaram. Assim foi aberto o caminho que as arredou da Igreja e de Deus.

"Et quoniam abundavit iniquitas, refrigescet charitas multorum." (Mt 24,12). O ódio e as violências fulguram em sua idade de ouro em nossa época. Existe o perigo de que este contágio atinja nossas fileiras cristãs; há o perigo de que o ódio pregado e praticado pelos comunistas e pelos demais pagãos modernos seja seguido também pelos cristãos. Devemos, por isso, manter um esforço constante e enérgico para fazer da caridade o fundamento sólido de nosso ensino dogmático e moral, de nossa pregação. A caridade tem que ser mais que nunca a alma de nossa vida espiritual, de nossa vida cristã. Deve sobretudo resplandecer em nossas obras, na vida prática de todos os católicos.

Quando em nosso país a Igreja se viu privada de todos os meios do apostolado moderno, quando fomos acusados sem nos darem a possibilidade de nos defendermos, quando fomos desterrados, compreendemos que existe, ao lado da oração, outro meio de exercer apostolado, meio de que ninguém nos pode despojar: a caridade de Cristo. Não é fácil persuadir a nossos fiéis de que é necessário amar os perseguidores, muito menos praticá-lo.

Contudo, esse apostolado da caridade prática, afetiva e efetiva é absolutamente necessário; é a mais eloquente, a mais poderosa, a mais persuasiva apologia do cristianismo. Por ela, tornamo-nos não somente defensores de Cristo, mas também suas testemunhas. Sem caridade, nossa ciência é vã; inútil nossa habilidade, infrutífera nossa experiência. E' pela caridade que os cristãos, não somente impressionaram os pagãos ("vêde como se amam"), mas também os converteram. Para os comunistas, é a prática que deve provar a verdade de uma doutrina. Contra eles são necessários não apenas apologistas, mas, principalmente, cristãos autênticos, vivendo verdadeiramente sua fé, testemunhas de Cristo, irradiando a caridade em todo o seu esplendor divino.

Se, pois, alguém nos perguntasse qual o remédio mais eficaz contra os comunistas, qual o modo mais seguro de convertê-los, responderíamos sem hesitar: — *A CARIDADE DE CRISTO!*

"Nisso conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns para os outros..." (Jo 13,35).

CONCLUSÃO

Dizíamos, na introdução, que este relato queria ser, acima de tudo, um testemunho, uma mensagem da "Igreja do Silêncio". Devo contudo reconhecer que, apesar de minha sincera vontade de reproduzir fielmente aquilo que vi, não o consegui senão parcialmente: minha exposição não é mais que débil eco dos problemas da Igreja de nosso país, pálida imagem da vida atrás da "cortina de ferro".

Embora aquilo de que trato esteja profundamente gravado em minha alma por haver sido testemunha ocular, sinto, contudo, que não pude descrever todas as minhas experiências como era de desejar, para fazer compreender nossos problemas em toda a sua profundidade, em todas as suas minúcias, assim como para provocar no espírito do leitor uma disposição semelhante ao estado de alma dos que viveram estes acontecimentos. Ora, sem esta disposição interior, a agudeza de certos problemas seria dificilmente compreensível e certas proposições ou soluções poderiam parecer exageradas, porque seriam frases separadas do seu contexto, como plantas transplantadas para um terreno inteiramente diverso, sob um clima diferente.

Para compreender nossos problemas e nossa situação é mister não olvidar que o que ocorre atrás da "cortina de ferro" é uma transformação revolucionária tão radical, que dificilmente existirá outra semelhante na história da humanidade. Tudo se modifica em nosso país: não somente a estrutura econômica e social, mas também nossa civilização milenária, nossa cultura. E com que rapidez!

Não se trata de uma simples mudança de poder, uma simples revolução política. Nem tão pouco é exclusivamente revolução social como a Revolução Francesa, ou revolução religiosa, como foi o protestantismo. É uma revolução global que quer transformar totalmente o homem inteiro, com suas idéias e suas relações com respeito a si mesmo, com respeito à sociedade e com respeito a Deus.

Não se pode comparar esta revolução com a invasão dos bárbaros, porque os bárbaros venceram materialmente, mas sucumbiram culturalmente. O comunismo quer vencer não só física, mas também moralmente, o velho mundo. Quer transformar, de modo radical, a humanidade inteira e desarraigar as tradições seculares que se lhe opõem.

O comunismo apresenta concepção nova ao mundo. O único obstáculo que encontra é o cristianismo — em particular, a Igreja católica — capaz de resistir-lhe vitoriosamente no terreno ideológico. Os outros adversários opõem-se sobretudo por razões políticas, econômicas e sociais. No plano ideológico têm amiúde muitos pontos de contacto — por exemplo a concepção materialista do mundo —. Unicamente a Igreja se atreve a criticar resoluta e radicalmente os próprios princípios do comunismo.

Esta é a razão por que a Igreja e o Estado comunista são duas sociedades opostas uma à outra, por assim dizer totalmente: seus fins, seus interesses, seus meios contradizem-se por completo. São duas sociedades que não conhecem compromissos em suas convicções nem em sua concepção do mundo. Cada qual luta por conquistar o homem, sabendo bem que não pode pertencer a ambas ao mesmo tempo.

E contudo, atrás da “cortina de ferro”, o mesmo homem é, ao mesmo tempo, membro da Igreja e súdito do Estado comunista. Eis o ponto nevrálgico do drama...

Temos a convicção de que os sofrimentos da “Igreja do Silêncio”, com a ajuda e as orações da Igreja Universal, não serão infrutíferos; que o Espírito Santo a assistirá, dar-lhe-á as forças necessárias para sobrepujar tôdas as dificuldades e contribuir para um novo ressurgimento do cristianismo no mundo inteiro.

3. Fomos negligentes para com os fiéis	41
4. Negligenciávamos a Caridade	43
Cap. VI — <i>A Igreja do silêncio em face do perigo comunista</i>	44
1. Divergências de opiniões	44
2. Três classes de padres	46
3. Gravidade da situação	49
4. Que fazer?	50
Cap. VII — <i>A Igreja do mundo livre em face do perigo comunista</i> 51	
1. "Principiis obsta"	51
2. Muitos dentre nós dormem tranquilamente	51
3. Como enfrentar o comunismo	53
4. Começar por si mesmo	56
5. Preparação moderna dos seminaristas	56
6. Desembaracemo-nos da aparência de ricos	57
6. Distribuição racional e planejada de nosso apostolado....	58
8. O apostolado da Oração	59
9. A Caridade	61
Conclusão	63